

A R T I G O

A REINVENÇÃO LATINO-AMERICANA DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS

Subsídios para uma História Conceitual Global

MARCELO DURÃO RODRIGUES DA CUNHA

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Vitória | Espírito Santo | Brasil

marcelo.cunha@ifes.edu.br

orcid.org/0000-0001-6585-6836

THIAGO LIMA NICODEMO

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Campinas | São Paulo | Brasil

tnicodemo@gmail.com

orcid.org/0000-0002-1588-0683

Este artigo analisa algumas das principais características da pesquisa contemporânea em história dos conceitos. O texto destaca, em especial, a recepção e a reinterpretação da *Begriffsgeschichte* na obra de intelectuais brasileiros, mexicanos e argentinos. Argumenta-se que as transformações globais e autorreflexivas observadas na história conceitual do Atlântico Norte também encontraram expressão nas regiões de língua portuguesa e espanhola das Américas. Defende-se que o êxito da epistemologia de Reinhart Koselleck nesses contextos periféricos pode ser explicado, em grande parte, por sua ênfase na capacidade dos historicamente vencidos de produzir percepções inovadoras sobre o passado. Em seguida, o artigo relembra que a América Latina possui uma tradição consolidada de valorização das vantagens epistêmicas associadas às experiências dos oprimidos. Propõe-se, assim, uma investigação crítica sobre as potencialidades e os limites dessa perspectiva. Por fim, sugere-se que as ferramentas metodológicas de uma história global dos conceitos meta-históricos podem oferecer caminhos para superar as tendências a-históricas desses debates, favorecendo a construção de um padrão analítico enraizado no Sul e voltado à compreensão das dinâmicas intelectuais latino-americanas e de outras tradições periféricas do pensamento histórico.

História dos conceitos – América Latina – historiografia – teoria da história – meta-história

A R T I C L E

THE LATIN AMERICAN REINVENTION OF CONCEPTUAL HISTORY

Contributions to a Global Conceptual History

MARCELO DURÃO RODRIGUES DA CUNHA

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Vitória | Espírito Santo | Brasil

marcelo.cunha@ifes.edu.br

orcid.org/0000-0001-6585-6836

THIAGO LIMA NICODEMO

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Campinas | São Paulo | Brasil

tnicodemo@gmail.com

orcid.org/0000-0002-1588-0683

This article detaches some elements that are the primary marks of research on conceptual history today. To do so, it sheds light on the reception and reinterpretation of Begriffsgeschichte in the work of some key Brazilian, Mexican, and Argentinean intellectuals. Then, after asserting that the global and self-reflective shifts which are observable in North-Atlantic conceptual history have in many aspects also taken shape in the Portuguese and Spanish-speaking parts of the American continent, it is argued that what helps explain the success of Reinhart Koselleck's epistemology in such peripheral areas of the globe is his theorizing about the propensity of the historically vanquished bringing innovative insights into historical thinking. Subsequently, by recalling that Latin America has a longstanding tradition of reflecting on the epistemic advantages of the historically oppressed, an investigation is put forward to delve into the strengths and fragilities of this trend. Finally, by claiming that the methodological tools of a global history of metahistorical concepts could work as a strategy to balance what is identified as the a-historical shortcomings of such debates, a plea is made for a South-based analytical pattern that could work as an alternative for approaching the history of Latin-American and other peripheral traditions of historical thought.

Conceptual History – Latin America – historiography – theory of history – metahistory

ESCLARECIMENTO PRELIMINAR

O presente artigo é resultado de discussões iniciadas em 2019, no âmbito de nossa participação no projeto internacional *Core Concepts of Historical Thinking* (CORE), sediado na Adam Mickiewicz University, em Poznań, Polônia, e desenvolvido em colaboração com pesquisadores de diversos continentes. Esse projeto, financiado pela Fundacja na rzecz Nauki Polskiej (FNP) entre 2019 e 2021, deu continuidade a uma trajetória de pesquisas previamente estabelecida pelo professor Ulrich Timme Kragh, idealizador do CORE, e também do projeto *NAMO – Narrative Modes of Historical Discourse in Asia*, financiado pelo European Research Council (ERC) a partir de 2014.

Os dois projetos — NAMO e CORE — reuniram, no total, mais de setenta pesquisadores, provenientes de mais de vinte países e vinculados a dezenas de universidades, incluindo instituições na Europa, Ásia, América do Norte, Oceania e América Latina. Parte significativa dessa rede colaborativa foi registrada e posteriormente disponibilizada no portal *AsianTheory.org*, criado por Kragh para veicular resultados de seminários, oficinas, entrevistas e publicações associadas aos projetos.

Como já indicado pelo título, o CORE Project se propunha a reunir investigações multilíngues, comparadas e autorreflexivas dos conceitos fundamentais do pensamento histórico. Assim como outros participantes, provenientes de contextos acadêmicos bastante distintos, fomos convidados a refletir sobre as bases teóricas, metodológicas e práticas de uma possível história global dos conceitos meta-históricos — levando em conta, em especial, nossa condição de pesquisadores brasileiros e latino-americanos e o lugar periférico de nossas tradições historiográficas na ordem epistêmica global.¹ O projeto cresceu com o tempo e, com um apoio do *European Research Council* ganhou traços de um dicionário de conceitos de tempo com forte caráter global. O ganho de escala e as dificuldades tecnológicas e orçamentárias tornaram a execução do projeto cada vez mais difícil.

Esse cenário mais ampla ajuda a compreender o tom propositadamente especulativo de muitos dos argumentos aqui apresentados, em consonância com o caráter exploratório, experimental e pioneiro dos projetos dos quais emergiram. O texto deve ser lido, portanto, como um estudo preliminar sobre a contribuição do Brasil em um “hiperdicionário” de conceitos globais de tempo. Como professores e pesquisadores de Teoria da História procuramos estrategicamente escapar da estigmatização como especialistas em “Brasil” ou “América Latina” de modo a não falar apenas da nossa experiência autóctone. Queríamos propor chaves interpretativas para problemas emergentes de história conceitual global e comparativa, especialmente em caminhos que permitiriam aproximar experiências morfológicamente semelhantes, mas completamente distintas na sua formação histórica, tais como a experiência histórica Russa, Indiana, Chinesa e a Polonesa. A estratégia era, portanto, subsidiar uma história conceitual global de conceitos, de lateralidade e de competitividade, produzindo uma espécie de “teoria” do projeto.

¹ Uma bolsa FAPESP (18/19087-2) específica para acordos de cooperação com o European Research Council permitiu a Thiago Nicodemo inclusive uma estadia de alguns meses na Polônia na condição de professor visitante, na Adam Mickiewicz University (AMU), Polônia. O projeto era intitulado “Conceitos básicos do pensamento histórico (core): desenvolvimento do grupo de trabalho de línguas românicas do dicionário de conceitos históricos”.

Assim, como ocorreu com o “hiperdicionário”, infelizmente, nossa empreitada também não se completou, de modo que fica aqui o legado inacabado dessa tentativa que certamente não será a última do gênero. Acreditamos, de todo modo, que tal iniciativa pode servir de subsídio para pesquisadores que queiram seguir caminhos semelhantes. Fica, no entanto, o apelo de relativização do texto dentro do seu contexto de produção e do caráter inacabado da iniciativa. Eventuais simplificações, imprecisões ou generalizações encontradas ao longo do artigo permanecem, naturalmente, de inteira responsabilidade dos autores.

A HISTÓRIA DOS CONCEITOS HOJE PLURALISMO E AUTORREFLEXÃO META-HISTÓRICA

Caso algumas poucas palavras pudessem resumir os caminhos mais promissores tomados pela historiografia nos últimos anos, não há dúvida de que conceitos como global, transnacional e transcultural surgiiram como palavras-chave apontando para uma tendência internacional crescente. Transcender fronteiras nacionais, abandonar o nacionalismo metodológico e superar o etnocentrismo epistemológico são posturas quase obrigatorias que se tornaram parte essencial do pensamento histórico contemporâneo. Entre outros métodos e pressupostos teóricos, a história dos conceitos surge nesse cenário de crescente reivindicação pelo pluralismo devido à sua reconhecida capacidade de levar os historiadores a adotar uma postura autocritica diante das posições epistemológicas tradicionais da disciplina histórica.

Concebida inicialmente na Alemanha como um projeto de escala nacional, a história dos conceitos seguiu, em grande parte, os caminhos transnacionais empreendidos pelo pensamento histórico nas últimas décadas. Esse movimento para além da nação trouxe à tona a relevância dos níveis transregionais, translocais e transculturais dos intercâmbios conceituais, ao mesmo tempo em que propôs uma compreensão do espaço e do tempo como inter-relacionados.²

Sem excluir a nação como um fator crucial na história humana, as pesquisas em história dos conceitos das últimas décadas avançaram de forma significativa ao situar as traduções e apropriações de conceitos relevantes em uma escala global, considerando a importância histórica dos entrelaçamentos e redes para além dos espaços dos Estados nacionais modernos. Ao tomarem consciência dos entrelaçamentos intrínsecos à circulação do conhecimento, os praticantes desse tipo transnacional de história dos conceitos também passaram a considerar as relações de poder que decorrem da necessidade de comunicação através das fronteiras linguísticas. Como consequência, a maior parte dos representantes desse tipo global de história conceitual já não concebe mais a disseminação de conceitos pelo mundo como sinônimo de uma ocidentalização das ideias, mas sim como produto dos numerosos entrelaçamentos linguísticos que constituem a mutualidade de influências entre ocidentais e não-ocidentais, entre potências coloniais e suas colônias. Assim, com esse movimento para além do etnocentrismo, a história dos conceitos certamente enriqueceu a semântica dos estudos históricos internacionais, ao mesmo tempo em que abriu o

² Da extensa literatura sobre essa “virada global” na historiografia, é possível destacar o bom resumo de Sebastian Conrad em *What is Global History?* (2016). Para uma discussão específica sobre as limitações do nacionalismo metodológico em pesquisas sobre história dos conceitos, ver: *Transnational Conceptual History, Methodological Nationalism and Europe*, de Jani Marjanen (2017).

pensamento histórico a contribuições muito mais amplas do que as oriundas apenas da Europa ou do mundo centro-ocidental.³

Do mesmo modo, a história dos conceitos avançou significativamente no campo da crítica meta-histórica, tão característica do trabalho de Reinhart Koselleck (1923-2006): autor que é reconhecido como o principal expoente dessa abordagem no contexto europeu. Ao enfrentar os desafios inerentes ao conhecimento histórico, os historiadores conceituais contemporâneos ampliaram seu interesse para incluir o vocabulário teórico do próprio pensamento histórico, fazendo com que a história dos conceitos ultrapassasse seu foco tradicional nas esferas sociopolíticas da experiência humana. Longe de ser uma tarefa inédita, o próprio Koselleck sugeria que a conversão de conceitos-fonte em conceitos analíticos seria uma das características essenciais da história conceitual (Pernau; Sachsenmaier 2016, 19).

Além disso, deixando de lado os debates mais problemáticos em torno da linguagem,⁴ pode-se argumentar que a reconciliação entre a particularidade dos usos conceituais em tradições específicas e o alcance universalista dos conceitos analíticos têm representado um avanço decisivo da história conceitual nas últimas décadas. Afinal, essa síntese oferece ao conhecimento histórico um repertório mais amplo de respostas compartilhadas para os desafios sociopolíticos, culturais e ambientais que hoje afetam a comunidade global. Nessa perspectiva, a aproximação com a história da historiografia também contribui para que a história dos conceitos seja considerada de modo mais complexo, sobretudo em diálogo com as teorias da temporalidade e do espaço-tempo.⁵

Seja como for, seria enganoso considerar essa inclinação ao pluralismo e à autorreflexão na história dos conceitos e na historiografia como um ato de boa vontade iniciado por alguns acadêmicos do mundo norte-atlântico. Pelo contrário, é necessário também atentar para as críticas anticoloniais do pensamento histórico que, pelo menos desde o século XIX, emergem do Sul Global. Do mesmo modo, não é possível conceber os ganhos teóricos proporcionados pela história dos conceitos como mais um produto de

³ Margrit Pernau e Dominic Sachsenmaier levantam esses argumentos na introdução de *Global Conceptual History: a Reader* (2016), que reúne uma coletânea de textos-chave e resume muitas das tendências mencionadas acima na história dos conceitos global. Deve-se mencionar também os trabalhos de Hagen Schulz-Forberg, particularmente sua edição de *A Global Conceptual History of Asia, 1860-1940* (2014). Embora limitado ao caso europeu, Willibald Steinmetz, Michael Freeden e Javier Fernández-Sébastián compilaram posições relevantes sobre a teoria e a prática da história dos conceitos em *Conceptual History in the European Space* (2017).

⁴ O próprio Koselleck era cético quanto à possibilidade de os historiadores conceituais adotarem uma perspectiva comparativa multilíngue. Em suma, ele argumentava, junto a Ulrich Spree e Willibald Steinmetz (2006, 402-461), que não existe uma “metalinguagem” que permita comparações transfronteiriças e traduza as diferenças linguísticas em compreensão mútua. Ainda assim, essa posição tornou-se menos prevalente. Hoje, com inúmeros recursos digitais e formas de cooperação transnacional indisponíveis no tempo de Koselleck, vários nomes tentam contrapor o monopólio das línguas europeias no campo e teorizar as possibilidades de uma abordagem multilíngue da história dos conceitos. Para um resumo das discussões recentes sobre as questões translinguísticas da história dos conceitos, ver, por exemplo, *Concepts, Contests and Contexts: Conceptual History and the Problem of Translatability*, de László Kontler, (2017).

⁵ Hagen Schultz-Forberg (2013, 40-58) sugere, por exemplo, a complementação da teoria das “camadas temporais” (*Zeitschichten*) de Koselleck com uma teoria das “camadas espaciais” (*Raumschichten*). Essa mudança espacial ofereceria uma possibilidade de superar a lógica linear vs. circular, tão cara ao regime moderno de historicidade, concentrando-se, em vez disso, nas múltiplas compreensões das relações passado-presente-futuro que surgem das interseções entre tempo e espaço em diversas realidades culturais.

exportação europeu, cuja incorporação por numerosas periferias epistêmicas⁶ teria levado a um movimento unilateral de superação do etnocentrismo na historiografia e na teoria da história. Na realidade, como demonstrado por diversos estudos recentes, ao resistirem e lidarem com os efeitos do colonialismo, as historiografias do Sul Global frequentemente tiveram de desenvolver formas de interpretar o tempo que, na necessidade de enfrentar a “sala de espera” das filosofias europeias da história, deram origem a múltiplas temporalidades e a diversas expressões não lineares das noções de historicidade e tempo histórico.⁷

Uma região que exemplifica bem essa inclinação do pensamento histórico do Sul Global em direção à diversidade temporal é a América Latina.⁸ Em países como México, Peru e Brasil, por exemplo, existem, desde o período colonial, reflexões sobre a natureza “mestiça” do conhecimento histórico local, que frequentemente resultaram em uma reorganização das dinâmicas do tempo, contradizendo a redução do pensamento histórico a um mero cavalo de Tróia do colonialismo europeu (Thurner 2015, 27). Além disso, investigações sobre a história da historiografia na região têm demonstrado que as diversas tradições de pensamento histórico que surgiram no Novo Mundo, desde o período pré-colonial e a partir do século XVI, variaram desde interpretações locais sobre o significado da história mundial até a formação de modos muito complexos de compreender as interseções entre as camadas de tempo e espaço.⁹

Dada essa propensão a interpretar o tempo como permeável e multiestrificado, não surpreende que a história dos conceitos tenha encontrado um de seus terrenos mais férteis nos países de língua espanhola e portuguesa situados no subcontinente latino-americano. Assim, em sentido amplo, é justo dizer que, quando a história dos conceitos chegou pela primeira vez à região

⁶ Nosso uso desse termo deve-se ao apelo de Ewa Domańska por uma superação dos enquadramentos tradicionais centro-periferia, que focaram exclusivamente nos privilégios da Europa Ocidental e dos Estados Unidos em detrimento das instituições de construção de conhecimento do Sul Global. Em vez disso, o conceito de periferias epistêmicas propõe um processo de “dupla descolonização”, que também problematiza as assimetrias internas no conhecimento, “envolvendo a descolonização de pequenos centros de pesquisa, museus e centros culturais percebidos como periféricos em relação a centros acadêmicos de referência, como São Paulo e Rio de Janeiro, ou Varsóvia e Cracóvia” (Domańska 2021, 148).

⁷ Nos últimos anos, muitos estudiosos têm lançado luz sobre o caráter policrônico das tradições historiográficas do Sul Global. Algumas referências a esses trabalhos aparecem ao longo das páginas seguintes. Ainda assim, é possível encontrar um bom resumo e exemplos da expressão conceitual dessa diversidade temporal no pensamento histórico, na teoria crítica e nas ciências sociais do Sul Global em *Changing Theory: Concepts from the Global South* de Dilip M. Menon (2022).

⁸ De Arturo Arda (1912-2003) até Walter Mignolo e Mauricio Tenorio-Trillo, inúmeros estudiosos destacam os usos contestados de “América Latina” como conceito desde sua cunhagem no século XIX. Entre outros argumentos, afirma-se que seu uso atual deve ser cauteloso, uma vez que exclui, por exemplo, populações afro-americanas e indígenas. Conscientes dessas limitações, seguimos a recente sugestão de Gabriela de Lima Grecco e Sven Schuster em *Decolonizing Global History? A Latin American Perspective*, de aplicar o conceito de América Latina “não como uma categoria homogeneizadora e culturalista, mas sim para indicar as muitas semelhanças da região em termos de estruturas políticas, econômicas e sociais” (2020, 427-428).

⁹ Entre a vasta quantidade de literatura em língua inglesa sobre as diversas molduras temporais existentes na historiografia latino-americana, destacam-se as obras de José Rabasa, *Tell Me the Story of How I Conquered You: Elsewheres and Ethnosuicide in the Colonial Mesoamerican World* (2011); Mark Thurner, *History’s Peru: The Poetics of Colonial and Postcolonial Historiography* (2012); e Javier Sanjinés, *Embers of the Past: Essays in Times of Decolonization* (2013). Além disso, trabalhos em espanhol e português sobre esse mesmo tema são mencionados em partes subsequentes deste artigo.

durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, as condições intelectuais já estavam dadas na América Latina para um acolhimento caloroso às ferramentas teórico-metodológicas oferecidas por esse ramo dos estudos históricos capitaneado até então pela historiografia europeia.

Contudo, uma vez que já existia um bem estabelecido pluralismo historiográfico na região, o que explica essa que, como veremos, foi uma incorporação um tanto entusiasmada da história dos conceitos no pensamento histórico latino-americano do final do século XX? Aqui, uma pista é fornecida quando olhamos um pouco mais de perto para a caixa de ferramentas teórica da história dos conceitos. Sobre esse tema, Frank Ankersmit observa, por exemplo, que, em oposição à “História” (em alemão, *Geschichte*) concebida como um “singular coletivo” (em alemão, *Kollektivsingular*), a noção de Koselleck das “camadas do tempo” (em alemão, *Zeitschichten*) convida a uma compreensão do passado como consistindo em uma multiplicidade de camadas temporais coexistindo mais ou menos pacificamente lado a lado. Assim, diferente de uma interpretação da história como um todo unitário, o que se pode chamar de dimensão ontológica da teoria de Koselleck possui, por um lado, a capacidade de “cortar verticalmente o tempo geológico” para apontar para uma multiplicidade de camadas temporais coincidindo entre si em vários ritmos e velocidades (Ankersmit 2021, 43).

Entretanto, por outro lado, a epistemologia de Koselleck — sua hipótese do “tempo de sela” (*Sattelzeit*) e sua doutrina do “ponto de vista” (*Sehepunkt*) — tem raízes no mesmo pensamento histórico europeu contra o qual sua ontologia se insurge. Para Ankersmit (2021, 57-58), portanto, é a perspectiva ontológica do historiador alemão que está em consonância com uma visão multipolar da história, que já não parte mais de uma percepção eurocêntrica do tempo, mas de uma variedade de configurações da relação entre o passado, o presente e o futuro. Assim, seguindo esse argumento, seria possível concluir que foi devido ao potencial pluralista de sua ontologia, e não de sua epistemologia, que o pensamento de Koselleck se tornou tão difundido na América Latina e em outras periferias epistêmicas.

Do ponto de vista lógico, o argumento de Ankersmit é coerente. No entanto, quando se considera o conjunto mais amplo da obra de Koselleck, torna-se evidente que sua leitura não capta as múltiplas formas pelas quais a história dos conceitos foi apropriada — muitas delas em clara contradição com a separação a priori entre ontologia e epistemologia proposta pelo teórico neerlandês. Um exemplo contrastante dessa dinâmica pode ser encontrado, mais uma vez, no caso latino-americano. Um exame atento da recepção da história dos conceitos na região mostra que, mais do que a teoria das camadas do tempo — isto é, a dimensão ontológica do pensamento de Koselleck —, foi sobretudo o seu aspecto epistemológico que exerceu influência decisiva. Tal epistemologia contribuiu para acrescentar uma nova camada de complexidade ao pensamento histórico local, impulsionando reflexões que buscavam ultrapassar os limites de concepções eurocêntricas de temporalidade e tempo histórico.

Como as páginas a seguir pretendem explorar, um olhar mais aprofundado sobre a reinterpretação latino-americana do legado de Koselleck pode ajudar a lançar uma nova luz sobre um aspecto de sua teoria nem sempre visível nas discussões sobre a recepção da história dos conceitos no Sul Global,¹⁰

¹⁰ Roberto Breña detalhou recentemente a recepção da história dos conceitos na América Latina partindo de “uma postura crítica em relação a alguns aspectos da história conceitual tal como chegou e foi adotada por alguns acadêmicos latino-americanos nos últimos anos” (2021, 94). Embora reconhecendo a importância de tais esforços, assumimos uma posição diferente ao

a saber, suas reflexões sobre como os “vencidos” (em alemão, *Besiegter*) são aqueles mais aptos a promover percepções inovadoras sobre o pensamento histórico.

Não por acaso, a América Latina desenvolveu uma longa tradição de reflexão sobre as vantagens epistêmicas associadas às experiências dos historicamente oprimidos. Ao examinar criticamente essa trajetória, as seções seguintes argumentam que, embora tal perspectiva tenha alcançado seu ponto culminante nas discussões decoloniais, ela acabou recaindo, em muitos casos, em armadilhas de caráter a-histórico, resultantes de fragilidades metodológicas persistentes. Sugerimos que essas limitações podem ser enfrentadas por meio das ferramentas de uma história global dos conceitos meta-históricos do pensamento histórico. Por fim, ao detalhar essa proposta, defendemos a formulação de um padrão comparativo Sul-Sul, capaz de restabelecer os vínculos entre essas tradições e de colocar a América Latina em diálogo mais estreito com outras experiências periféricas de produção do pensamento histórico.

REDEMOCRATIZAÇÃO E RENOVAÇÃO HISTORIOGRÁFICA NA AMÉRICA LATINA DEBATES E INFLUÊNCIAS A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

A década de 1980 marcou um período de intensa turbulência política em grande parte da América Latina. Nessa década, as ditaduras civis-militares que haviam dominado a região desde meados do século XX começaram a dar sinais de esgotamento, abrindo espaço para amplos movimentos de contestação. Nesse contexto, diversos setores das sociedades civis — especialmente no Brasil, na Argentina, no Uruguai, na Bolívia e no Chile — passaram a se mobilizar em defesa da redemocratização e da restauração das liberdades políticas.¹¹ No rastro dessa mudança, diferentes movimentos sociais buscaram redefinir a esfera pública, fazendo ressoar as vozes de grupos por muito tempo silenciados sob a égide do autoritarismo político. Essas mobilizações contribuíram para a queda de numerosos regimes militares e para a elaboração de novas constituições, bem como para a consolidação de instituições democráticas. Esses processos, por sua vez, influenciaram profundamente os tipos de crítica, abordagens e debates que se desenvolveram nas academias de língua portuguesa e espanhola ao longo das últimas décadas do século XX.

No âmbito do pensamento histórico, os historiadores enfrentaram o desafio de reinventar identidades nacionais à luz do entusiasmo que acompanhou o ressurgimento da democracia e das formas ativas de cidadania na América Latina. Esse processo não se limitou a repensar os contornos dos Estados-nação; ele também representou uma oportunidade para lidar com traumas coletivos, que iam desde a superação dos passados autoritários recentes até a inclusão de povos indígenas e afrodescendentes em sociedades democraticamente reconstruídas. Não surpreende, portanto, que esses temas

focar no que Breña reconhece como as “apropriações, alterações, distorções e contribuições” (2021, 96) que são consequências naturais desse processo de recepção no campo da história intelectual.

¹¹ O México não viu o surgimento de uma ditadura civil-militar nesses moldes. Ainda assim, um processo semelhante ao de outros lugares da América Latina ocorreu no país a partir da década de 1980, com a especialização e profissionalização da história nas universidades e instituições de pesquisa. Para saber mais, ver, por exemplo, Guillermo Zermeño Padilla, *Mexican Historical Writing* (2011).

tenham ocupado um papel central nos debates meta-históricos latino-americanos das décadas de 1980, 1990 e 2000 (ver, por exemplo, Aguirre Rojas 2002; Horowitz 2011; Eakin 2011).

Ademais, é importante lembrar que, na década de 1980, a historiografia latino-americana alcançou um nível sem precedentes de profissionalização institucional e de intercâmbios internacionais. Como consequência, critérios teóricos e metodológicos tornaram-se cada vez mais exigentes para a aprovação de estudos de pós-graduação nas universidades. Esse crescimento da pesquisa especializada foi acompanhado pela influência do marxismo e da Escola dos Annales: o primeiro renovou-se com a queda dos regimes autoritários anticomunistas da região, enquanto a segunda se articulou com a virada cultural que se consolidava no pensamento histórico latino-americano daquele período.

A partir dessa década, historiadores de língua espanhola e portuguesa produziram uma série de trabalhos centrados em práticas culturais, demografia, mentalidades e vida privada. Assim como ocorreu entre as décadas de 1930 e 1960, a influência dessas correntes reforçou a tendência de questionar o significado de modernidade e a retórica que, desde o século XIX, apresentava as nações de língua portuguesa e espanhola como atrasadas (Malerba 2009, 49-118; Sabato 2015, 135-145; Vilaboy 2003, 179-180).

A discussão sobre como a experiência moderna dos séculos XVIII e XIX fora traduzida da Europa para a América era comum entre intelectuais latino-americanos ligados à Teoria da Dependência,¹² à Filosofia da Libertação¹³ e a outras correntes regionais surgidas na segunda metade do século XX. Essas perspectivas ofereciam uma leitura crítica das interpretações importadas sobre a modernidade em termos históricos. Nesse contexto, consolidou-se uma postura político-intelectual que já existia na região desde pelo menos o século XVIII: um ceticismo em relação a um sentido homogêneo de progresso, considerado parte essencial do conceito moderno de história (Araújo 2015, 178).

No exemplo mais revelador dos impactos dessa mudança de época na região, o caso brasileiro é fundamental para compreender como alguns historiadores lidaram com esse momento de transformações significativas no pensamento histórico latino-americano. Principalmente porque foi à luz de tal cenário intelectual que a discussão sobre as reflexões meta-históricas de Koselleck encontrou seu espaço pela primeira vez no seio da historiografia brasileira.¹⁴ Como mencionado acima, o historiador alemão estava

¹² A Teoria da Dependência foi uma corrente teórica originada na década de 1940, especialmente entre intelectuais associados à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Em oposição à teoria da modernização, representantes dessa corrente de pensamento argumentavam que os recursos fluem de uma periferia de estados subdesenvolvidos para um centro de estados desenvolvidos, enriquecendo estes últimos às custas dos primeiros. Para uma visão detalhada dessa linha de pensamento, ver B.N. Ghosh, *Dependency Theory Revisited* (2001).

¹³ A *Filosofia da Libertação* é um movimento filosófico que surgiu na Argentina no início da década de 1970. Os filósofos da libertação basearam sua agenda em uma crítica às formas modernas de opressão relacionadas à expansão do Ocidente e na promoção de um pensamento filosófico comprometido com a autonomia e a libertação dos povos oprimidos da América Latina. Para uma introdução ao tema, ver Eduardo Mendieta, *Philosophy of Liberation*, (2020).

¹⁴ Historiadores brasileiros vêm citando Koselleck pelo menos desde a década de 1970. Seus trabalhos foram mencionados, por exemplo, por estudiosos como Fernando Novais (1973) e Sérgio Buarque de Holanda (1974). No entanto, essas menções são breves, e somente na segunda metade da década de 1980 as contribuições do historiador alemão foram incorporadas aos insights meta-históricos de alguns acadêmicos brasileiros proeminentes. Para uma visão mais ampla da recepção da história dos conceitos no Brasil, ver: *História dos Conceitos: Diálogos Transatlânticos*, ed. João Feres Jr. e Marcelo Jasmin (2007).

profundamente preocupado com os efeitos colaterais da modernidade, e os instrumentos oferecidos pela história dos conceitos encaixaram-se perfeitamente nas disputas meta-históricas que floresceram no Brasil ao longo das últimas décadas do século XX.

A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO DE KOSELLECK NA AMÉRICA LATINA A REVISTA *ESTUDOS HISTÓRICOS* E O CASO BRASILEIRO

Poucas publicações sintetizam tão bem a incorporação de algumas das ideias de Koselleck no Brasil quanto os debates veiculados na revista *Estudos Históricos*, cujo número inaugural foi lançado em 1988. Ao destacar a necessidade de revisar as condições de possibilidade para a produção do conhecimento histórico, os editores afirmavam que a revista tinha como objetivo dar continuidade à longa tradição brasileira de reflexão sobre a teoria da história, por meio de uma constante análise da história da historiografia (Gomes; Moura; Oliveira 1988, 3-4).

Para dar início a esse exercício meta-histórico, os historiadores locais aplicaram as novas lentes analíticas adquiridas nos anos recentes para olhar retrospectivamente os dois séculos anteriores de produção histórica no país. O primeiro número da revista trouxe, assim, dois estudos que abordaram períodos distintos. Manoel Luis Lima Salgado Guimarães¹⁵ (1952-2010) analisou o século XIX, examinando a compreensão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro¹⁶ (IHGB) sobre a história nacional. Em seguida, Ricardo Benzaquem de Araújo¹⁷ (1952-2017) dedicou-se ao final do século XIX e início do XX, centrando-se na obra de João Capistrano de Abreu¹⁸ (1853-1927).

Em seu artigo, Guimarães discutiu a relação entre a escrita da história e a constituição do Estado Nacional brasileiro no início do século XIX. Com a independência em 1822, tornou-se urgente criar uma identidade para a jovem nação. Essa necessidade explica a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 e seus esforços para padronizar a escrita da história do Brasil em nível oficial. No entanto, esse projeto historiográfico enfrentava um desafio complexo: como integrar numa única narrativa os povos indígenas, os africanos escravizados, os portugueses e outras heterogeneidades regionais?

¹⁵ Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães (1952-2010) foi um historiador brasileiro cujos estudos orbitavam os campos da historiografia brasileira, da filosofia e da teoria da história. Entre suas obras mais relevantes, é possível mencionar *Historiografia e Nação no Brasil 1838-1857* (1987).

¹⁶ O IHGB foi fundado dezesseis anos após a independência do Brasil para concentrar o conjunto do conhecimento acumulado sobre o país. Assim, ao longo de todo o século XIX, atuou como um centro autorizado para a produção de um discurso oficial sobre a cultura, a história e a identidade nacional do Brasil. Para uma introdução crítica à história do IHGB, ver: Valdei Lopes de Araújo, *A Experiência do Tempo: Conceitos e Narrativas na Formação Nacional Brasileira (1813-1845)*, (2008).

¹⁷ Ricardo Augusto Benzaquen de Araújo foi um historiador e antropólogo, conhecido principalmente por seus trabalhos em história intelectual, pensamento social brasileiro e teoria da história.

¹⁸ João Capistrano Honório de Abreu foi um dos fundadores do pensamento histórico profissional no Brasil. Ele era um defensor de ideias progressistas e um pensador anticlerical. Uma de suas obras mais importantes é *A Descoberta do Brasil e o seu Desenvolvimento do Século Dezesseis* (1883).

A solução adotada pelo IHGB buscou pacificar as diferenças internas em nome de um projeto nacional que preservava os legados do passado colonial, mas seguia o impulso civilizatório violento da época: “A concepção de história partilhada pela instituição guarda um nítido sentido teleológico, conferindo ao historiador, através de seu ofício, um papel central na condução dos rumos deste fim último da história” (Guimarães 1988, 15)

Guimarães reconhece, assim, que a emergência de uma perspectiva histórica no Brasil do século XIX foi um fenômeno *sui generis*. Com base na crítica de Koselleck à história moderna, ele concluía que: “a Nação, cujo retrato o instituto se propõe traçar, deve, portanto, surgir como o desdobramento, nos trópicos, de uma civilização branca e européia” (Guimarães 1988, 8).

Seguindo os *insights* de Koselleck, Guimarães argumentava que o conceito moderno de história — hegemônico no mundo de língua alemã entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX — não apenas estabelece um sentido linear e homogêneo do processo histórico, mas também exerce um impulso unificador, agregando fragmentos em uma narrativa coesa:

Da história, enquanto palco de experiências passadas, poderiam ser filtrados exemplos e modelos para o presente e o futuro, e sobre ela deveriam os políticos se debruçar como forma de melhor desempenharem suas funções. A história é percebida, portanto, enquanto marcha linear e progressiva que articula futuro, presente e passado; só partilhando uma tal concepção, como nos indica Koselleck, pode-se pretender aprender com a história, dando-lhe um caráter pragmático (Guimarães 1988, 15).

Ao delinear os contornos exclutentes dessa historiografia patrocinada pelo Estado no século XIX, o historiador criticava os fundamentos da tradição brasileira de escrita histórica e evidenciava os efeitos opressivos decorrentes do enquadramento temporal característico do pensamento histórico moderno.

Benzaquen de Araújo deu continuidade à linha de crítica iniciada por Salgado Guimarães. Seu artigo também se apoiou nos *insights* de Koselleck para realizar um estudo de caso da escrita histórica brasileira entre os séculos XIX e XX, centrando-se em Capistrano de Abreu. O objetivo era revelar a obliteração da memória e outras limitações presentes no conceito moderno de história que seriam características da representação que Capistrano fazia do passado brasileiro:

Na verdade, é precisamente esta conexão entre memória e tempo que eu gostaria de analisar um pouco mais detidamente, pois creio que a memória só começa a ser apontada como padecendo de um processo de corrosão, de inevitável erosão, quando se associa a uma noção de tempo que se define como uma linha em movimento contínuo para a frente, na direção do futuro. Isto implica um abandono do modelo clássico, o que faz com que os homens redirecionem literalmente o seu olhar e as suas esperanças, desviando-os do passado e concentrando-os no porvir. o que, entre várias outras coisas, provoca um gradual mas crescente enfraquecimento da memória, pouco a pouco substituída pelo esquecimento (cf. Koselleck 1985, 130-155, 213-218)¹⁹ (citações do autor) (Araújo 1988, 40).

Além do dispositivo do esquecimento, as noções de verdade, objetividade e linearidade temporal caracterizam a escrita histórica modernaprofissional adotada por Capistrano em sua narrativa sobre o “descobrimento do Brasil”. Embora pareça derivar de um senso de neutralidade, essa concepção

¹⁹ Benzaquen de Araújo baseia-se nas edições francesa e estadunidense de *Critica e Crise* (*Kritik und Krisē*) e *Futuro Passado* (*Vergangene Zukunft*), uma vez que as traduções brasileiras dessas obras de Koselleck seriam publicadas apenas posteriormente — respectivamente em 1999 e 2006.

não se situa “fora do tempo”, já que ela se baseia na nova articulação entre experiência e expectativa inaugurada pela modernidade:

Assim, é justamente o surgimento desta definição iluminista do tempo, assimilado ao progresso, convertido em linha que se desloca inelutavelmente numa única direção, que vai separar o que chamávamos antes de espaço de experiências, base da concepção clássica da história, do horizonte de expectativas do homem moderno, horizonte que vai agora se fixar apenas no futuro, um futuro que parece dispensar todo e qualquer ensinamento veiculado pela tradição, relegando-a à mais absoluta obscuridade (Araújo 1988, 40).

Esse desdobramento contínuo do tempo em direção a um futuro aberto passa a orientar a experiência histórica humana e a controlar quaisquer manifestações de tragédia, acaso ou caos na história. Consequentemente, a narrativa de Capistrano apagou a tragédia perpetrada pelos colonizadores e colocou os povos colonizados em posição de atraso e subordinação:

Isto ocorre porque a verdade “dos fatos” se funda em mecanismos críticos e narrativos - de composição uniforme e alcance universal - que criam a impressão de que ela é fruto de uma razão absolutamente pura e transparente, supostamente afastada de qualquer posicionamento intelectual ou projeto de poder, e influenciável apenas, através de sentidos igualmente uniformes e universais, pelos dados da realidade (Araújo 1988, 51).

Desse modo, ao associar o conceito moderno de história a uma “batalha interminável que o Ocidente trava contra a tragédia”, Benzaquen de Araújo questiona implicitamente se esse era o tipo de conhecimento histórico que os historiadores brasileiros continuariam a praticar (Araújo 1988, 51-52).

Não há dúvida de que as contribuições de Guimarães e Benzaquen de Araújo incentivaram os historiadores brasileiros a adotar uma postura meta-histórica diferenciada diante da tradição historiográfica do país e do conceito moderno de história. Ambos historicizaram a disseminação dessa ideia na América Portuguesa, interpretando-a como uma estratégia conservadora para apaziguar conflitos e homogeneizar diferenças, sem “forçar uma revisão completa de valores, como foi o caso da Revolução Francesa” (Araújo 1988, 32).

A perspectiva colonial — ou mesmo pós-colonial²⁰ — desses historiadores partiu não apenas da historicização do pensamento histórico brasileiro em relação ao contexto do Velho Mundo, mas também gerou uma leitura crítico-histórica do próprio pensamento europeu. Assim, pode-se afirmar que esse movimento historiográfico desprovincializou Koselleck, iluminando os contrastes que emergem do encontro entre o pensamento histórico moderno e as múltiplas camadas de tempo presentes nas formas locais de se relacionar o passado, o presente e o futuro.

²⁰ Destacam-se as semelhanças entre os argumentos dos autores brasileiros e aqueles sustentados, por exemplo, pelo historiador indiano Dipesh Chakrabarty. No entanto, enquanto os primeiros tomam Koselleck como referência, o segundo utiliza Heidegger como instrumento para compreender as consequências opressivas da adoção desse conceito linear de história para os grupos subalternos no Sul da Ásia. Ver: Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe* (2000).

No entanto, por mais que fosse representativo de novos horizontes meta-históricos trazidos pelo processo de redemocratização no Brasil, o caso da *Estudos Históricos* oferece apenas uma visão limitada dessa readaptação da epistemologia de Koselleck na América Latina. Assim, também é necessário recuperar as críticas ao pensamento de Koselleck associadas principalmente aos debates que estavam na base da mais ambiciosa pesquisa coletiva sobre história dos conceitos já delineada na região: o Projeto de História Conceitual Ibero-Americana, mais conhecido como *Iberconceptos*.

IBERCONCEPTOS E ALÉM A REINVENÇÃO DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS NA AMÉRICA LATINA

Ao rememorar as origens do projeto, o historiador espanhol Javier Fernández Sebastián observa que o *Iberconceptos* surgiu, entre outras razões, como uma tentativa de superar certos limites que a história conceitual havia encontrado tanto na Europa continental quanto na América do Norte. Nos Estados Unidos, as primeiras iniciativas não prosperaram no sentido de desenvolver uma abordagem transatlântica para a história dos conceitos.²¹ Na Europa, por sua vez, enfrentou-se obstáculo semelhante devido ao ceticismo do próprio Koselleck quanto à possibilidade de comparar conceitos em meio ao caleidoscópio de línguas e tradições políticas existentes no velho continente. Portanto, diante de tais barreiras linguísticas, e sem considerar os diversos idiomas indígenas,²² o mundo ibero-americano oferecia um conjunto muito menos heterogêneo de línguas e um caminho histórico-político mais sincrônico, devido às suas raízes nos impérios coloniais espanhol e português (Fernández Sebastián 2018, 688-690).

No entanto, esse cenário aparentemente vantajoso não impediu o surgimento de divergências quanto à base teórica do projeto. Em primeiro lugar, havia a necessidade de lidar com uma teoria da modernização e com a viabilidade de uma linha do tempo padrão que abrangesse uma infinidade de culturas e territórios. Em segundo lugar, era necessário chegar a um acordo para especificar o vocabulário sociopolítico e os fenômenos caros à experiência de modernização ibero-americana. Não surpreendentemente, ao mesmo tempo em que servia como referência teórica principal, a epistemologia de Koselleck precisou ser reinventada para dar conta das peculiaridades espaço-temporais do substrato colonial resultante do contato entre o Velho e o Novo Mundo (Fernández Sebastián 2018, 690-692).

²¹ Fernández Sebastián refere-se especificamente aos esforços de Melvin Richter (1921-2020) e Martín Burke em tornar a História dos conceitos uma ponte transatlântica que pudesse conectar a prática da história intelectual na Europa e nos EUA. No entanto, diversos fatores profissionais e institucionais impediram que esse projeto avançasse. Para um resumo e uma análise crítica sobre esse assunto, ver: Martín Burke, *Conceptual History in the United States: a "Missing National Project"* (2005).

²² Somente a partir de 2015, na terceira fase do *Iberconceptos*, um grupo de trabalho foi estabelecido para tratar dos conceitos políticos em línguas indígenas. Sob a liderança de Noemí Goldman, o grupo “Tradução e Transferências” (*Traducción y Transferencias*) possui uma seção dirigida pela pesquisadora francesa Capucine Boidin, que lida, entre outros idiomas, com conceitos políticos em tupi-guarani, quíchua, aimará e náuatle no período das independências nas Américas. Para mais informações sobre esse grupo de trabalho dentro do *Iberconceptos*, ver *Grupo Traducción y transferencias conceptuales (siglos XVIII y XIX)*, 2022, https://iberconceptos.es/?page_id=78.

Não surpreende, portanto que, assim como no caso da *Estudos Históricos*, no *Iberconceptos* a teoria de Koselleck serviu para uma desconstrução do discurso colonial e para uma reavaliação crítica do conceito moderno de história a partir de uma perspectiva historiográfica não hegemônica. Isso ajuda a explicar por que o conceito de “História” (em espanhol, *Historia*) foi incluído entre os dez escolhidos para compor o primeiro volume do léxico do projeto, publicado em 2009. Do mesmo modo, as reflexões meta-históricas de Koselleck serviram como instrumento para questionar o eurocentrismo que ainda predominava na tradição latino-americana de pensamento histórico.

Por exemplo, em sua síntese comparativa do conceito,²³ o historiador mexicano Guillermo Zermeño Padilla destaca que, em contraste com a abordagem “quantitativa” ou meramente “cronológica” da história das ideias, a história dos conceitos propõe uma leitura “diacrônica” e “qualitativa” do vocabulário sociopolítico da modernidade. Em vez de concentrar-se em eventos ou ideias que, de um ponto de vista externo, marcariam o surgimento da modernidade — como, por exemplo, o *ethos* desencantado da Reforma na Europa —, os historiadores conceituais buscam compreender a modernidade como uma experiência compartilhada, plural e globalmente articulada. Assim, ao ser incorporada à análise da Ibero-América, a teoria de Koselleck contribui para rejeitar a antiga noção de que, em contraste com o padrão anglo-saxão, os mundos de língua portuguesa e espanhola seriam expressões anômalas, incompletas ou fracassadas da experiência moderna (Zermeño Padilla 2009, 552–554).

No entanto, embora a história dos conceitos possua o potencial de ampliar e evidenciar aspectos heterodoxos da modernidade como fenômeno global, Zermeño Padilla ressalta que sua principal força epistemológica, no contexto latino-americano, reside justamente na capacidade de expor as limitações do pensamento histórico contemporâneo. Em outras palavras, ao contrário de abordagens anteriores — como a história social ou a história das ideias —, a história dos conceitos incorpora uma dimensão “revisionista” que, em sintonia com certas correntes europeias de pensamento surgidas no pós-1968, enfatiza a localidade e a historicidade inerentes a toda forma de conhecimento humano:

Iberconceptos é, portanto, um projeto inscrito no coração do revisionismo historiográfico, em contraposição às convenções da história social e intelectual das ideias, cujas tramas costumam correr em paralelo, mas compartilhando um tipo de discurso linear, progressista e teleológico, de caráter nacionalista, populista ou liberal. Visto dessa forma, a história conceitual se irmana com enfoques próprios de uma nova antropologia política, que insiste no caráter contingente e fortuito — envolto em paradoxos — da ação e do acontecer humanos (Zermeño Padilla 2014, local. 2284).

²³ A redação de uma “síntese transversal” faz parte da abordagem metodológica nos dois primeiros volumes de *Iberconceptos*. Assim, um coordenador geral adotou uma perspectiva transnacional para resumir os resultados de pesquisa de orientação nacional ou regional de cada um dos demais participantes do projeto. Para mais detalhes e um balanço crítico dos prós e contras dessa e de outras estratégias metodológicas do projeto, ver: Javier Fernández Sebastián e Luis Fernández Torres, *Iberconceptos: un Proyecto de Investigación en Red: Cuestiones Teórico-Metodológicas y Organizativas*, (2017).

Assim, ao recorrer a uma perspectiva de segunda ordem, os historiadores conceituais podem distinguir três níveis de linguagem com os quais trabalham: (1) os conceitos próprios das fontes históricas, (2) os conceitos vinculados ao horizonte temporal do próprio historiador e (3) os conceitos teóricos derivados de categorias “filosóficas” ou “meta-históricas” (Zermeño Padilla 2014, local. 2308):

Situada em um “historicismo” radical e contrária a qualquer tipo de essencialismo (no qual toda observação aparece como necessária), a história conceitual se apresenta como crítica a toda forma de positivismo ou de realismo ingênuo produzido durante o período moderno. Corresponde esse esforço de historicizar a história, como apontam seus críticos, a uma fixação malsã, ou é expressão direta das condições específicas nas quais emerge e ganha sentido a historiografia moderna? De acordo com os postulados da história conceitual, toda forma de conhecimento é um conhecimento situado, que reflete a posição do produtor de conhecimento em um determinado momento histórico e em um contexto material e cultural específicos (Zermeño Padilla 2014, local. 2308-2327).

Desse modo, embora Koselleck, em certa medida, não tenha reconhecido plenamente a historicidade de sua própria posição meta-histórica — e, por isso, tenha mantido alguns traços nacionais e teleológicos da historiografia moderna —, o projeto *Iberconceptos* desenvolveu-se em condições sociopolíticas e intelectuais que favoreceram um olhar mais atento às relações “imanentes” e “pós-nacionais” entre linguagem e sociedade (Zermeño Padilla 2013, 482).

Não muito distante da posição de Zermeño Padilla encontra-se o historiador argentino Elías José Palti, que, além de integrar o projeto *Iberconceptos*, figura entre os principais renovadores da história intelectual latino-americana contemporânea. Nos últimos anos, Palti desenvolveu sua abordagem da história das linguagens políticas a partir de uma crítica simultânea à tradição latino-americana da história das ideias, à *Cambridge School* de pensamento político e à própria concepção de história dos conceitos formulada por Koselleck.

É sobretudo nessa última crítica que se revela com maior nitidez sua proposta teórica: segundo Palti, de modo análogo à história tradicional das ideias, Koselleck ancora sua posição meta-histórica em uma visão dualista do advento da modernidade. Assim, ao contrapor o moderno ao pré-moderno para identificar descontinuidades no nível da linguagem política, o historiador alemão acaba reforçando um quadro arbitrário para estabelecer os limites entre o “moderno” e o “tradicional”, como ocorre, por exemplo, em sua teoria de *tempo liminar* (em alemão, *Sattelzeit*) (ver, por exemplo, Palti 2004):

Na verdade, ele consegue discernir apenas dois possíveis conceitos de tempo, cada um deles separado por aquela grande ruptura epocal que ele chama de *Sattelzeit*. Essa perspectiva dicotômica leva-o a confundir e a colocar sob a mesma categoria (a de “modernidade”) muitos modos muito distintos de conceber e experienciar a temporalidade; e essa confusão necessariamente tem consequências na reconstrução histórico-conceitual que ele propôs. Em suma, para realizar plenamente o objetivo do projeto de *Begriffsgeschichte* de Koselleck — evitar anacronismos conceituais e compreender os fundamentos intelectuais das filosofias da história — é necessário estabelecer uma série de precisões históricas (Palti 2018, 410).

Não surpreendentemente, esse dualismo estende-se ao pensamento histórico, dado os resquícios do neokantismo na epistemologia de Koselleck e sua tendência a definir, em termos de “tipos ideais”, os moldes nos quais valores, normas e atitudes podem eventualmente se articular:

Essa proposição finalmente permitiu a Koselleck delinear uma *Theorie der Geschichte* ou *Historik*, tentando integrar as duas instâncias que, segundo ele, a constituem. Ele tentou fazer isso rastreando os vínculos que unem os acontecimentos por meio das formas pelas quais são representados e, inversamente, explicando as formas de sua representação com base nos vínculos reais entre os acontecimentos, cujos fundamentos últimos residem em determinações antropológicas inatas. A possibilidade de generalização na história não implica, nem revela, qualquer conteúdo normativo; ela apenas indica os moldes dentro dos quais valores, normas e atitudes podem eventualmente se articular (Palti 2011, 19).

De todo modo, embora adote uma postura antropológica que radicaliza o substrato filosófico do neokantismo, a história dos conceitos de Koselleck, em última instância, baseia-se em “instâncias formais”, que fornecem uma “certa estabilidade trans-histórica que, no entanto, não exclui a contingência, ou seja, que abre espaço para eventos imprevisíveis, sem os quais não haveria história propriamente dita” (Palti 2011, 19).

Palti não esconde que, no cerne de sua crítica, estão as possíveis consequências do caráter a-histórico da epistemologia de Koselleck para o pensamento histórico e político latino-americano. Por um lado, essa preocupação decorre de uma tendência de longa data de se definir a tradição intelectual latino-americana como anômala diante de qualquer tentativa de estabelecer as condições de possibilidade do discurso histórico. Por outro lado, a postura apriorística de Koselleck revela-se insuficiente frente à necessidade de complexificar as múltiplas dimensões do pensamento latino-americano, superando as visões “essencializadas” da região que se disseminaram na historiografia das últimas décadas:

Um dos grandes problemas da história intelectual latino-americana tem a ver com o fato de que ela ainda permanece impregnada de certo essencialismo próprio das visões nacionalistas do século XIX [...] Um resquício disso ainda pode ser visto hoje em alguns autores como (Fredric) Jameson, que continua falando do Terceiro Mundo como abrigando resíduos emancipadores, opostos à lógica racionalista do capitalismo. A América Latina seria o lugar da natureza incontaminada, corroborando uma visão romântica e idealista da região (Palti 2019, 184-185).

Em contraste com essas tendências, Palti propõe uma história intelectual orientada por problemas, cujo foco não recai sobre a oposição entre modelos pré-estabelecidos e formas “desviantes” de pensamento, mas sobre as próprias aporias da modernidade. Assim, em vez de ser julgada a partir de categorias de pensamento a priori, a experiência latino-americana emerge, nessa “nova história intelectual”, não como resquício de formas “tradicionalis” de pensamento, mas como expressão de problemas mais amplos, que transcendem o mero contexto local (Palti 2019, 179-183).

Em um sentido mais amplo, ao não tomar como dado os fundamentos meta-históricos do pensamento histórico e ao escrutinar sua validade teórica, Palti sustenta que sua estratégia está alinhada à transformação mais significativa que ocorreu no campo da história intelectual nos últimos anos: uma “virada autorreflexiva” que leva os historiadores a “problematizar permanentemente” as categorias analíticas de sua própria disciplina (Palti 2017, 188).

Em suma, ainda que não esgotem o tema,²⁴ as posições de Zermeño Padilla e Palti revelam a situação da história dos conceitos, em particular, e da história intelectual, em geral, na América Latina contemporânea — uma condição marcada pelo autoexame das próprias categorias analíticas do pensamento histórico. Nesse sentido, mais uma vez, a natureza contestadora da epistemologia de Koselleck desempenha um papel decisivo ao suscitar o questionamento dos limites do conhecimento histórico moderno.

No entanto, se, em grande medida, a crítica presente em *Estudos Históricos* ainda coincidia com a do historiador alemão, os debates abordados nesta seção apontam alguns de seus pontos cegos e propõem uma posição situada para além da meta-história de Koselleck.²⁵ De todo modo, independentemente do grau de eficácia de suas ferramentas para essa proposta, é justo afirmar que os debates atuais sobre a história dos conceitos na América Latina convidam a repensar a base epistemológica do pensamento histórico para além de sua ancoragem em um repertório teórico de orientação nacional, bem como a reexaminar o caso latino-americano à luz de um conjunto renovado de interesses, questões e demandas.

Por um lado, torna-se evidente que boa parte da historiografia latino-americana contemporânea compartilha várias das preocupações transnacionais e autorreflexivas presentes na produção acadêmica internacional mencionada no início deste artigo. Por outro lado, contudo, apesar do crescimento expressivo da história da historiografia na região enquanto subcampo da história intelectual, ainda persiste uma atitude ambígua entre muitos historiadores do subcontinente diante das abordagens que poderiam emergir da própria tradição latino-americana — não apenas como objeto de estudo, mas como contribuição efetiva para o esforço mais amplo de tornar o pensamento histórico simultaneamente mais plural e menos etnocêntrico. Afinal, existem elementos da tradição latino-americana de pensamento histórico capazes de responder a essas demandas contemporâneas por complexificação e pluralismo nos modos de compreender a historiografia e o próprio ato de pensar historicamente?

²⁴ Breña oferece, em *Tensions and Challenges of Intellectual History in Contemporary Latin America*, (2021), um bom panorama da diversidade da história intelectual praticada atualmente na América Latina. Outro bom retrato da situação atual da história dos conceitos na região está disponível em *Horizontes de la Historia Conceptual en Iberoamérica: Trayectoria e Incursiones*, organizado por Francisco A. Ortega, Rafael E. Acevedo P. e Pablo Casanova Castañeda (2021). Por fim, sob a coordenação de Fabio Wasserman, o *Grupo Temporalidad* é o principal responsável por acompanhar as discussões meta-históricas do Iberconceptos. É possível encontrar um resumo dos principais trabalhos desse grupo disponível em: https://iberconceptos.es/?page_id=62. Acesso em setembro de 2025.

²⁵ Palti é provavelmente o historiador que melhor sintetiza, hoje, as críticas dirigidas à epistemologia de Koselleck na América Latina. Em linhas gerais, ele recorre à perspectiva arqueológica de Foucault para oferecer um quadro mais complexo das relações espaço-temporais modernas que surgiram tanto antes quanto depois da *Sattelzeit* de Koselleck, por exemplo, no período barroco da *Schwellenzeit* (1550–1650) e na “era das formas” do século XX. Ver: Elías Palti, *An Archaeology of the Political: Regimes of Power from the Seventeenth Century to the Present* (2016). No entanto, é possível concordar com Santiago Castro-Gómez quando ele observa, por exemplo, que a omissão do colonialismo por parte de Palti impede sua obra de incorporar os aportes da produção acadêmica anticolonial latino-americana e de enxergar o surgimento da modernidade para além de sua descrição tradicional como um processo intraeuropeu. Ver: *Elías Palti - Una Arqueología de lo Político (2)*, Santiago Castro-Gómez (2020). Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4vvYCBg5l8w> Acesso em setembro de 2025.

Diante da relevância de longa data de debates desse tipo na região, as páginas seguintes buscam revisitar as discussões em torno das chamadas “vantagens epistêmicas” do caso latino-americano, bem como explorar as potencialidades globais que ainda podem emergir dessa perspectiva meta-histórica orientada para um diálogo Sul-Sul.

AS PECULIARIDADES DO PENSAMENTO HISTÓRICO NA AMÉRICA LATINA SOBRE AS VANTAGENS EPISTÊMICAS DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA PERIFÉRICA

Ao refletir sobre os fundamentos da epistemologia de Koselleck, diferentes intérpretes destacam seu ceticismo em relação ao progresso na sociedade moderna como a base principal de todo o seu projeto intelectual.²⁶ Diante disso, uma postura céтика era necessária para compreender o pano de fundo histórico do mundo moderno, em contraste com noções orientadas pelo *pathos*, como “nação”, “pátria” e “heroísmo” (Olsen 2012, 13). De fato, em diversas ocasiões, Koselleck associou abertamente sua postura teórica à sua experiência de derrota e catifeiro durante a Segunda Guerra Mundial, a qual engendrou o ceticismo que qualquer historiador precisa ter como “condição mínima para desconstruir um excedente utópico” (Koselleck 2005).

Essa posição influenciou vários de seus escritos, como é o caso, por exemplo, de suas reflexões em torno de uma teoria segundo a qual os derrotados são aqueles que desenvolvem novos instrumentos analíticos e, assim, revelam percepções inovadoras sobre a história (ver, por exemplo, Lepper; Schlak 2012; Šajda 2017; Mueller 2019). Nesse sentido, em sua tentativa de refletir e lidar com a experiência da derrota, os vencidos teriam um potencial de compreensão que transcende o dos “vencedores”, especialmente quando precisam reescrever a história geral em conjunto com a sua própria. Assim, seria possível até mesmo falar de um “potencial epistemológico inesgotável” como uma constante antropológica decorrente da experiência dos vencidos:

O historiador que está do lado do vencedor tende a interpretar os sucessos de curto prazo a partir de uma teleologia contínua e de longo prazo, *ex post facto*. Esse não é o caso dos derrotados. Sua primeira experiência fundamental é que tudo aconteceu de forma diferente do que havia sido planejado ou esperado [...]. Assim, é uma hipótese atraente que precisamente dos ganhos únicos de experiência que lhes são impostos surjam percepções de longa duração e, consequentemente, de maior poder explicativo. Se a história é feita, no curto prazo, pelos vencedores, os ganhos históricos de conhecimento advêm, a longo prazo, dos derrotados (Koselleck 2002, 76).

²⁶ Por exemplo, Manfred Hettling e Wolfgang Schieder, em *Theorie des historisch Möglichen: Zur Historik von Reinhart Koselleck* (2021, 59) e Niklas Olsen, em *History in the Plural: an Introduction to the Work of Reinhart Koselleck* (2012, 14-16). Olsen associa o ceticismo de Koselleck ao que ficou conhecido no contexto alemão como a “geração céтика”, isto é, uma geração marcada por atitudes de desconfiança em relação à ideologia política, ao planejamento social de longo prazo e por uma posição pragmática na política e na vida. Para mais detalhes sobre a definição sociológica dessa geração céтика na Alemanha do século XX, ver, por exemplo, Helmut Schelsky, *Die skeptische Generation: Eine Soziologie der deutschen Jugend* (1957).

Não mencionado na obra de Ankersmit citada em nossa introdução, é muito provável que esse aspecto do pensamento de Koselleck tenha servido como uma razão adicional para a excelente recepção de sua epistemologia na América Latina. Essa relação se torna ainda mais evidente quando lembramos que boa parte do pensamento filosófico e social da região baseou suas premissas teóricas em ideias semelhantes, relacionadas ao que poderia ser chamado de vantagens epistêmicas decorrentes das experiências de povos colonizados, conquistados e vencidos.²⁷

Na primeira metade do século XX, por exemplo, eventos como as duas Guerras Mundiais e a Revolução Mexicana impulsionaram debates sobre a identidade das nações latino-americanas diante do que parecia ser a decadência cultural do Velho Mundo. Não por coincidência, seja na Antropologia ou no pensamento marxista, difundiu-se cada vez mais a valorização da cor local, do indígena e do mestiço como elementos constitutivos das identidades nacionais, especialmente entre pensadores ensaístas como Gilberto Freyre (1900-1987), José Vasconcelos (1882-1959) e José Carlos Mariátegui (1894-1930). Consequentemente, em paralelo ao processo de profissionalização acadêmica das ciências humanas no subcontinente, vestígios de tradições antes associadas a formas não modernas de pensamento passaram por um processo de reinvenção, no qual tais características foram reinterpretadas não como evidências de irracionalidade, decadência ou atraso, mas como antídotos contra as armadilhas do mundo moderno.²⁸

Com uma postura muito mais crítica em relação aos contornos da razão moderna, os representantes da Filosofia da Libertaçāo reinterpretaram essa premissa e desenvolveram de forma mais aprofundada a ideia das possíveis vantagens epistêmicas dos historicamente oprimidos na América Latina. Partindo de uma crítica ao pensamento europeu, filósofos como Enrique Dussel defenderam uma perspectiva analética, a qual, por se situar fora do pensamento dialético-totalizante, poderia criar condições para a superação da dependência, dominação e subordinação. Nesse sentido, o ponto de vista dos vencidos possui a capacidade de desmantelar o mito da modernidade, ao mesmo tempo em que identifica as raízes desse fenômeno global não em eventos intraeuropeus, como o Renascimento e a Reforma, mas em processos de conquista e opressão, como no caso da colonização da América.²⁹

²⁷ Embora fosse possível identificar as origens de discussões desse tipo nas visões hegelianas e marxistas sobre a dialéctica senhor-escravo, por exemplo, no âmbito das teorias do ponto de vista e feministas, o conceito de vantagens epistêmicas ganhou precisão teórica, especialmente no trabalho de Nancy Hartsock (1943–2015). De modo geral, os teóricos da noção de ponto de vista argumentam que a posição social de grupos marginalizados torna mais viável que eles estejam atentos a certas questões e formulam perguntas do que os não marginalizados. Devido ao seu caráter controverso, às acusações de falta de precisão e às discussões recentes sobre as consequências da injustiça epistêmica, os debates sobre vantagens epistêmicas e teoria do ponto de vista ganharam renovado tratamento metodológico, por exemplo, em Jingyi Wu, *Epistemic Advantage on the Margin: A Network Standpoint Epistemology*, (2022).

²⁸ A História das Ideias na América Latina, por exemplo, representa uma das tentativas centrais de sistematizar o que era visto, na época, como as vantagens cognitivas dos historicamente marginalizados. Seu principal proponente foi o filósofo mexicano Leopoldo Zea (1912–2004), aluno do filósofo espanhol José Gaos (1900–1969), cuja abordagem da história das ideias identificava, no caso latino-americano, importantes anseios metafísicos por comunidade, necessários para mitigar a pressão da sociedade contemporânea em direção a formas mecanizadas de individualismo. Ver, por exemplo, Andrés Kozel, “Fervor de Comunidad,” em *La Idea de América en el Historicismo Mexicano: José Gaos, Edmundo O’Gorman y Leopoldo Zea*, (2012).

²⁹ O principal alvo da crítica de Dussel é a cronologia e o conceito de modernidade de Jürgen Habermas, especialmente a afirmação deste último de que eventos intraeuropeus como o Iluminismo e a Revolução Francesa são essenciais para o estabelecimento do princípio de

Essa mudança de perspectiva leva Dussel a destacar a dimensão espacial inerente a todo processo de produção do conhecimento, atribuindo-lhe um papel decisivo na crítica à modernidade. Desse modo, sua proposta de uma posição teórica transmoderna não se define nem pelo desprezo nem pelo entusiasmo em relação à modernidade, mas pela afirmação de múltiplas histórias e memórias que emergem de diferentes lugares do mundo, evidenciando a vitalidade intelectual existente para além do espaço europeu (Dussel 2013, 471).

É plausível considerar não apenas a Filosofia da Libertação, mas também movimentos intelectuais como a História Latino-Americana das Ideias,³⁰ a Pedagogia Crítica³¹ e a Teoria da Dependência³² como marcos decisivos nos debates sobre as vantagens epistêmicas decorrentes da condição de alteridade da América Latina. Entretanto, pode-se afirmar que essa discussão só atingiu seu auge no contexto do chamado coletivo Modernidade/Colonialidade.³³

Nesse contexto, Walter Mignolo sintetiza de modo exemplar muitas das posições do grupo, sobretudo ao desenvolver uma noção que, até então, permanecia apenas implícita em debates anteriores: o conceito de geopolítica do conhecimento. Para o semiólogo argentino, o colonialismo europeu está profundamente imbricado na própria constituição da epistemologia ocidental,

subjetividade. Para Dussel, é impossível conceber a modernidade sem o colonialismo; assim, a posição de Habermas é irrefletida e tem efeitos perniciosos sobre a autoconsciência europeia. Ver, por exemplo, Enrique Dussel, *The Invention of the Americas: Eclipse of "The Other" and the Myth of Modernity*, trad. Michael Barber (1995). Embora Dussel provavelmente não tivesse conhecimento da obra do historiador, não seria exagero afirmar que seus argumentos expandem o ceticismo de Koselleck em uma direção decolonial, dado a oposição bem conhecida deste último às conceitualizações de Habermas sobre modernidade e esfera pública baseadas no Iluminismo. Para mais detalhes sobre as controvérsias entre Habermas e Koselleck, ver, por exemplo, Olsen, *History in the Plural* (2012).

³⁰ A proposta de Leopoldo Zea para uma História das Ideias na América Latina ganhou força a partir da década de 1950, quando iniciativas semelhantes surgiram, por exemplo, na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil. Apesar das diferenças de abordagem, quase todos os colaboradores desses projetos tinham em comum a intenção de recuperar as ideias que, mesmo emolduradas localmente, tinham a vantagem de olhar além e expandir os benefícios da razão moderna para além de sua fundamentação em uma orientação centro-ocidental. Ver, por exemplo, E. R. de Carvalho, *Pensadores da América Latina: O Movimento Latino-americano de História das Ideias*, (2009).

³¹ Como filosofia da educação e movimento social, a Pedagogia Crítica tem suas raízes no educador brasileiro Paulo Freire (1921–1997), cuja obra traz relevância inédita aos marginalizados, colonizados e oprimidos como co-criadores ativos de conhecimento. Para saber mais, ver, por exemplo, Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (2017).

³² A Teoria da Dependência não se restringiu aos debates socioeconômicos, e contribuições essenciais na crítica literária emergiram diretamente da relevância atribuída, nas décadas de 1960 e 1970, ao pensamento periférico mundial. Um exemplo é a percepção de Roberto Schwarz de como ideias “deslocadas” de seu contexto europeu podem assumir novas formas inventivas e ser “capitalizadas como uma vantagem” quando reinterpretadas a partir de uma perspectiva brasileira. Ver Roberto Schwarz, *Ao Vencedor as Batatas: Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro* (1977). Outro exemplo é Silviano Santiago que, apesar de suas divergências com Schwarz, refletiu sobre a América Latina como uma cultura do entremedio, afetando criticamente o texto das culturas dominantes e criando um horizonte no qual a universalidade dos textos é passível de avaliação. Ver Silviano Santiago, *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture*, (2001). Para uma visão crítica sobre essas posições, ver Elías Palti, “*The Problem of Misplaced Ideas*” (2006).

³³ Modernidade/Colonialidade é uma rede de intelectuais latino-americanos formada no final da década de 1990, mas com raízes em algumas das correntes de pensamento mais influentes que surgiram na região durante a década de 1970, a saber: Teoria da Dependência, Filosofia da Libertação, Teologia da Libertação e Filosofia Latino-Americana. Para informações detalhadas sobre a história e os propósitos do grupo, ver: *El Giro Decolonial: Reflexiones Para Una Diversidad Epistémica Más Allá del Capitalismo Global*, org. Santiago Castro Gómez e Ramón Grosfoguel, (2007).

produzindo pontos de enunciação que reafirmam incessantemente o mito linear da modernidade — entendido como uma compreensão monotópica imposta sobre espaços multiculturais. Contudo, no interior do espaço colonial, a presença do Outro introduz uma fissura permanente nesse processo de autocomparação e reafirmação do mesmo que sustenta a hermenêutica ocidental. Assim, mais do que um simples relativismo cultural, Mignolo sustenta que os sujeitos de compreensão situados nas periferias coloniais possuem a capacidade de desestabilizar a transparência do ponto de vista eurocêntrico, expressando o que denomina pensamento fronteiriço (*border thinking*) — “a epistemologia da exterioridade, isto é, do fora criado a partir do dentro” —, que revela as assimetrias de poder responsáveis por tornar invisíveis outras formas de verdade e modos de existência (Mignolo; Tlostenova 2006, 206).

Portanto, para Mignolo, os sujeitos afetados por situações de opressão e situados nas periferias epistêmicas globais — como a América Latina — tendem a adotar uma postura hermenêutica pluritópica que, em contraste com a compreensão monotópica da tradição ocidental, é capaz de “questionar a posicionalidade e a homogeneidade do sujeito do conhecimento” e de refletir “sobre o próprio processo de construção (por exemplo, de ordenamento) daquela porção do mundo que se deseja conhecer” (Mignolo 2003, 12-15).

Esse breve resgate da história do conceito na América Latina não apenas revela pontos de convergência com a proposta de Koselleck, mas também traz diversas possibilidades adicionais de repensar os vínculos entre os debates sobre vantagens epistêmicas e as potencialidades da história dos conceitos em seu enquadramento global contemporâneo.

Primeiro, ao problematizar a posicionalidade e a pretensa universalidade do sujeito do conhecimento, os debates latino-americanos acrescentam uma nova camada de complexidade à compreensão autorreflexiva do pensamento histórico — dimensão que, como vimos, constitui ao mesmo tempo uma tendência e uma exigência da historiografia contemporânea. Segundo, a ênfase na exterioridade dos sujeitos marginalizados implica uma reinterpretação histórica da modernidade, que deixa de ser concebida como um processo intraeuropeu para ser compreendida como um fenômeno transmoderno, protagonizado por uma pluralidade ampliada de agentes que atravessam conceitos de razão e de tempo histórico. Terceiro, ao recusar a ideia de inferioridade e reafirmar as potencialidades analíticas dos vencidos, as perspectivas derivadas do caso latino-americano contribuem para a formulação de alternativas aos padrões centro-ocidentais de comparação, para o acompanhamento crítico dos debates sobre as consequências da injustiça epistêmica (ver, por exemplo, Kidd; Medina; Pohlhaus Jr. 2017) e para a abertura de possibilidades que reconhecem as periferias globais não como “desvios” de um modelo, mas como lugares privilegiados para estudos comparativos acerca do desenvolvimento do pensamento histórico (ver, por exemplo, Dussel 2013; Santos 2016).

No entanto, é impossível ignorar que os debates em torno das vantagens epistêmicas também suscitam importantes ressalvas, sobretudo no contexto latino-americano. Alguns de seus representantes, por exemplo, são acusados de adotar uma concepção reducionista da modernidade, ao associá-la exclusivamente ao colonialismo e restringir seu alcance à dimensão das assimetrias de poder. Do mesmo modo, ao situar as vítimas — como os povos indígenas, o “povo” ou a própria “América Latina” — em um espaço a-histórico e exterior à modernidade, certas vertentes, especialmente as de matriz decolonial,

são criticadas por elaborar visões idealizadas (como o chamado *abyayalismo*)³⁴ derivadas da condição de alteridade dos vencidos.³⁵ Ademais, ao rejeitarem o vocabulário inerente à política moderna e ao confundir questões epistemológicas e políticas, essas abordagens frequentemente se convertem em perspectivas apolíticas, que correm o risco de conduzir à resignação, ao imobilismo ou mesmo a posições politicamente reacionárias (ver, por exemplo, Castro-Gómez 2019; Segato 2013; e Browitt 2014).

Por fim, ao reconhecer que tais impasses ajudam a explicar a relativa distância de muitos historiadores em relação a essas discussões, as páginas seguintes propõem que os debates latino-americanos sobre vantagens epistêmicas poderiam se beneficiar de um diálogo mais estreito com a perspectiva da história dos conceitos em escala global. Em síntese, argumentamos que a interlocução entre essas reflexões e as ferramentas metodológicas dessa abordagem pode constituir uma estratégia eficaz para equilibrar suas limitações e promover um padrão analítico transnacional que, ao reduzir a dependência dos referenciais centro-ocidentais, ofereça uma alternativa para a comparação da história do pensamento histórico latino-americano com outras historiografias periféricas.

UMA ABORDAGEM DESDE O SUL GLOBAL SOBRE OS CONCEITOS META-HISTÓRICOS DO PENSAMENTO HISTÓRICO

A segunda e a terceira seções deste artigo buscaram demonstrar que é possível associar os debates sobre história dos conceitos a pelo menos duas tendências gerais da historiografia latino-americana atual: um autoexame meta-histórico e uma crítica a formas etnocêntricas de pensamento histórico. Ainda que fosse um exagero inferir que essa dupla tendência decorre da influência do pensamento de Koselleck, é inegável que, por meio de sua epistemologia, a história dos conceitos contribuiu para complexificar uma longa tradição existente na América Latina no sentido de se descentralizar o pensamento histórico para além de conceitos lineares e homogêneos de temporalidade e tempo histórico.

As discussões anteriormente mencionadas sobre vantagens epistêmicas revelam a profundidade e a amplitude dessa tradição. Dotados do potencial de desestabilizar formas monotópicas de compreensão, os debates latino-americanos sobre vantagens epistêmicas articulam conceitos com sólida capacidade de transcender as tradicionais configurações de passado, presente e futuro que estruturam o pensamento histórico moderno. Ainda assim, há razões suficientes para sustentar que as potencialidades policrônicas implicadas nesses

³⁴ Para o povo Kuna do norte da Colômbia, *Abya Yala* (em Kuna, “terra madura”) é sinônimo de América. Contudo, dado o uso acrítico do termo por alguns estudiosos decoloniais da América Latina, Santiago Castro-Gómez utiliza *abyayalismo* para descrever uma variante dessa corrente de pensamento que caracteriza a modernidade *in toto* como um projeto imperialista, colonialista, patriarcal, genocida e racista. Ver Santiago Castro-Gómez, *El Tonto y los Canallas: Notas Para un Republicanismo Transmoderno* (2019).

³⁵ Gustavo Verdesio fala, por exemplo, da essencialização da subalternidade e das consequências apolíticas dessa postura como uma das fragilidades na obra de John Beverley. Dada a relevância do trabalho de Beverley para o grupo, isso ajudaria a explicar a dissolução dos *Latin-American Subaltern Studies*, outra importante rede de estudiosos decoloniais latino-americanos baseada nos EUA, fundada em 1992 e dividida no início dos anos 2000. Ver Gustavo Verdesio, “Introduction. Latin American Subaltern Studies Revisited: Is There Life After the Demise of the Group?” (2005).

debates permanecem, em grande medida, subestimadas pela historiografia contemporânea.

Como já mencionado, embora receptiva a conceitos de tempo de origem norte-atlântica e a teorias da modernização — como demonstra o próprio caso da história dos conceitos —, grande parte da historiografia profissional contemporânea na América Latina tende a permanecer distante dessas discussões. Assim, as reflexões sobre as chamadas vantagens epistêmicas costumam restringir-se a filósofos, antropólogos, sociólogos e críticos literários espalhados por diferentes regiões do continente. Diante dessa curiosa peculiaridade, seria legítimo indagar: o que explica a distância crítica que muitos historiadores latino-americanos mantêm em relação a debates epistemológicos dessa natureza?

As respostas a essa pergunta são numerosas, mas a mais flagrante certamente se relaciona, por um lado, à associação que os representantes decoloniais dessa posição fazem entre a inclinação futurista do pensamento histórico moderno e a colonialidade do poder,³⁶ conceito que inter-relaciona os legados do colonialismo europeu nas ordens sociais e nas formas de produção do conhecimento. No entanto, além de ser reducionista ao equiparar a historiografia moderna à dominação colonial, essa visão superdimensiona as origens europeias da disciplina histórica, sem considerar que a cientificização da história ocorreu em um contexto globalizado, com o desenvolvimento de uma diversidade de métodos híbridos, conceitos e abordagens teóricas (ver, por exemplo, Rüsen 2002; Iggers; Wang; Mukherjee 2008; Woolf 2011; 2012). Por outro lado, uma razão diferente relaciona-se aos efeitos colaterais do processo de profissionalização que, sobretudo a partir da década de 1990, levou a níveis crescentes de especialização do saber histórico em escala mundial.

No caso da América Latina — e de outras províncias intelectuais com trajetórias semelhantes³⁷ —, embora a profissionalização da disciplina tenha proporcionado avanços significativos em termos de pesquisa, redes e organização institucional, ela também acentuou o distanciamento em relação à historiografia ensaística e a outras formas não profissionais de escrita da história. Ao mesmo tempo, ela promoveu a homogeneização das formas historiográficas de representação e, em consonância com o *ethos* neoliberal prevalecente, favoreceu a incorporação acrítica de conceitos, métodos e referenciais teóricos originários de contextos e interesses centro-ocidentais (ver, por exemplo, Malerba 2009; Pereira 2018).

³⁶ Para o entendimento de Aníbal Quijano sobre o conceito, ver: *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, (2005). Para críticas ao uso do conceito na teoria decolonial, ver: José Antonio Mazzotti, *Estudios Coloniales Latinoamericanos y Colonialidad: una Breve Aclaración de Conceptos*, (2018); e Paul Anthony Chambers, *Epistemology and Domination: Problems with the Coloniality of Knowledge Thesis in Latin American Decolonial Theory*, (2020).

³⁷ Por exemplo, Ewa Domańska faz um balanço da incorporação da teoria francesa nas humanidades da Europa Centro-Oriental e defende a superação do uso, em grande medida acrítico, desses referenciais como uma caixa de ferramentas que, pelo menos desde a década de 1980, oferece análises e interpretações prontas dos materiais de fonte polonesas. Ver: Ewa Domańska, *Polish Humanities, French Theory and the Need for a Strong Subject* (2021). Por sua vez, Syed Farid Alatas fala de “dependência acadêmica” para definir, a partir de uma perspectiva do Sudeste Asiático, esse tipo de situação em que a “produção de conhecimento de determinadas comunidades acadêmicas é condicionada pelo desenvolvimento e crescimento do conhecimento de outras comunidades acadêmicas, às quais as primeiras estão submetidas”. Ver: Syed Farid Alatas, *Intellectual and structural challenges to Academic Dependency*, (2008).

Com claro impacto sobre a memória disciplinar³⁸ dos historiadores da região, esse processo de profissionalização — e de consequente atomização — também influenciou a adoção de padrões de avaliação relativamente engessados de autoexame historiográfico e de análise da própria disciplina, nem sempre condizentes com a pluralidade de culturas históricas existentes no subcontinente. Assim, com a prevalência das línguas e dos padrões alemães, franceses e anglo-saxões como referências paradigmáticas para aquilo que se convencionou entender como o desenvolvimento “correto” da história acadêmica, as historiografias latino-americanas acabam frequentemente situadas no lado “errado” da equação — seja como receptoras passivas de modelos europeus, seja como exemplos de formas pré-científicas e diletantes de lidar com o passado.

Consequentemente, a diversidade de formas de pensamento histórico existentes na região costuma ocupar o lugar de meros estudos de caso exóticos ou curiosos, enquanto as potencialidades analíticas de suas teorias, métodos e conceitos-chave permanecem, quando muito, como complementares aos padrões historiográficos do Norte Atlântico. Isso se deve, em parte, ao fato de que não apenas é difícil para os historiadores da historiografia latino-americana escapar da adoção do modelo europeu como referência exclusiva para compreender o desenvolvimento “padrão” do conhecimento histórico, como também se mostra particularmente desafiador estabelecer abordagens diretas ou linhas de comparação — por exemplo, entre a tradição latino-americana e outras tradições do Sul global ou não ocidentais — sem a mediação do caso europeu (Santos; Nicodemo; Pereira 2017, 161–186).

Nesse contexto, fica evidente que uma abordagem distinta é necessária se os historiadores da historiografia latino-americana desejam superar interpretações de alcance limitado sobre a trajetória do pensamento histórico na região. É justamente nesse ponto que surge uma alternativa promissora no diálogo entre a história dos conceitos em escala global e os debates latino-americanos sobre vantagens epistêmicas. Enquanto a primeira oferece o ceticismo e o rigor metodológicos indispensáveis para historicizar as próprias categorias analíticas da historiografia em uma perspectiva transnacional, a segunda amplia e radicaliza os fundamentos espaço-temporais meta-históricos do pensamento histórico, deslocando-os para além dos padrões antropológicos e epistemológicos centro-ocidentais.³⁹

Ao combinar essas duas perspectivas e superar visões eurocêntricas sobre as trajetórias da historiografia, essa abordagem alternativa permite tratar a história dos conceitos meta-históricos próprios da tradição latino-americana de forma central, destacando sua capacidade de pluralizar o alcance temporal e espacial da história, para além da concepção moderna de história como um fenômeno singular e homogêneo. Além disso, ao incorporar a perspectiva crítica

³⁸ O conceito de *memória disciplinar* foi cunhado pelo historiador brasileiro Salgado Guimarães e introduziu uma abordagem crítica à história da historiografia, levando em conta os elementos subjetivos, isto é, as lembranças e os esquecimentos, que constituem a consolidação cultural de qualquer disciplina acadêmica. Para uma introdução ao conceito na obra de Guimarães e além dela, ver Rodrigo Turin, *História da Historiografia e Memória Disciplinar: Reflexões Sobre um Gênero* (2013).

³⁹ Há um debate em andamento sobre as limitações antropológicas da meta-história de Koselleck. Argumenta-se, por exemplo, que os “dados naturais” expressos por suas oposições meta-históricas (isto é, “antes/depois”, “dentro/fora” e “acima/abaixo”) são escolhas arbitrárias ou até centradas no Ocidente. Assim, não surpreende que existam tentativas de expandir sua proposta em direção a uma fundamentação antropológica mais ampla. É o caso, por exemplo, de Jörn Rüsen, *The Horizon of History Moved by Modernity: After and Beyond Koselleck*, (2021); e Luis Fernández Torres, *Las Constantes Antropológicas de la Histórica de Koselleck: una Propuesta de Ampliación* (2021).

e autocrítica da história dos conceitos, torna-se possível confrontar os pressupostos a-históricos e etnocêntricos presentes em interpretações que essencializam identidades nos debates sobre vantagens epistêmicas. Por fim, a articulação dessas abordagens abre caminho para substituir uma teoria única e totalizante dos tempos históricos por uma história global, multilíngue e fundamentada em casos concretos de conceitos meta-históricos (ver, por exemplo, Kragh 2021), complementando no campo historiográfico tendências similares que vêm se consolidando em diversos ramos da teoria social e do pensamento histórico internacional.⁴⁰

Em consonância com essa mudança de perspectiva, o quadro interpretativo a seguir propõe um ponto de partida distinto para compreender as múltiplas expressões e trajetórias do pensamento histórico na América Latina. Tomando como base alguns conceitos meta-históricos fundamentais relacionados a espaço e tempo, esboça-se uma tipologia tripartite que pode funcionar como referência inicial para analisar a história das manifestações do pensamento histórico em contextos de língua portuguesa, indígena, afro-americana e espanhola.

Tipo Meta-histórico	Exemplos de conceitos-chave
1. Conceitos Indígenas, Afro-Latinos Americanos e Pré-disciplinares ⁴¹	Pensamento afro-diaspórico, Perspectivismo ameríndio, Cosmo-história (Em espanhol: <i>Cosmobistoria</i>), A inversão do espaço-tempo (Em aymara: <i>Pachakuti</i>), Epistemologia patriótica (Em espanhol: <i>epistemología patriótica</i>).
2. Conceitos profissionais da historiografia acadêmica ⁴²	Historiografia (Em espanhol: <i>Historiografía</i>), Historicismo (Em espanhol: <i>Historicismo</i>), Consciência histórica (Em espanhol: <i>Conciencia histórica</i>), Meta-história (Em espanhol: <i>Global Intellectual History</i>).

⁴⁰ Além dos exemplos já citados das obras organizadas por Rüsen (2002), Woolf (2011-12) e Iggers, Wang e Mukherjee (2008), é possível mencionar também as formulações teóricas feitas nesse sentido por Schultz-Forberg, *The Spatial and Temporal Layers of Global History*; e Dag Herbjørnsrud, *Beyond Decolonizing: Global Intellectual History and Reconstruction of a Comparative Method*, *Global Intellectual History* 6, n. 5, p. 614-640.

⁴¹ Esta amostra de conceitos meta-históricos centrais não esgota outras possibilidades, servindo apenas como referência para diversas discussões em andamento numa interseção de campos que vão da história e da antropologia à história da historiografia. Para uma introdução a cada um dos conceitos mencionados, ver, por exemplo, *Pensamento Afrodiáspórico em Perspectiva: Abordagens no Campo da História e Literatura*, org. Marcello Felisberto Moraes de Assunção e Fernanda Rodrigues Miranda (2021), no caso do pensamento afrodiáspórico; e Eduardo Viveiros de Castro, *The Relative Native: Essays on Indigenous Conceptual Worlds* (2015), no caso do perspectivismo ameríndio. Para Cosmohistória, ver Federico Navarrete Linares, *Las Historias de América y las Historias del Mundo: una Propuesta de Cosmohistória*, (2016). Para uma introdução ao conceito de *Pachakuti*, ver Karl Swinehart, *Decolonial Time in Bolivia's Pachakuti*, (2019). Finalmente, para o conceito criollo setecentista de *epistemología patriótica*, ver Jorge Cañizares-Esguerra, *How to Write the History of the New World: Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World* (2002).

⁴² Estes são conceitos vitais para a profissionalização da história na América Latina entre as primeiras décadas do século XX, os anos 1950 e 1960. A maioria dos intérpretes destaca esse

	<i>Metahistoria</i>), Crítica das fontes (Em espanhol: <i>Crítica de las fuentes</i>).
3. Conceitos híbridos do pensamento histórico ⁴³	Antropofagia, Lusotropicalismo, Miscigenação (Em espanhol: <i>Mestizaje</i>), O Barroco das Índias (Em espanhol: <i>El Barroco de Indias</i>), Transculturação (Em espanhol: <i>Transculturación</i>).

Tabela 1: Uma tipologia para abordar a história dos principais conceitos meta-históricos na América Latina.

1. Conceitos indígenas, afro-americanos e pré-disciplinares: Além da complexidade imposta pela questão linguística, um dos maiores desafios para abordar esse tipo de conceito meta-histórico reside na necessidade de superar duas tendências persistentes. Por um lado, a suposição de que os povos afro-americanos e indígenas das Américas carecem de uma consciência de historicidade — o que levaria a compreender qualquer tentativa de historicização desses sujeitos apenas como expressão de uma “colonização do tempo” (Fernández Sebastián 2018). Por outro lado, a inclinação, igualmente problemática, de situar as epistemologias afro-americanas e indígenas em um espaço idealizado e a-histórico, como se constituíssem polos totalmente opostos aos padrões modernos de produção de conhecimento.

Em contraste com essas visões, uma história dos conceitos de orientação global e teoricamente fundamentada pode oferecer um tratamento mais complexo dessas epistemologias, examinando seus conceitos meta-históricos a partir de perspectivas que se afastam tanto da lógica do Estado-nação quanto das dicotomias “natureza versus espírito” e “tempo versus espaço”, características das formas centro-ocidentais de delimitar o pensamento histórico. Princípio análogo pode ser aplicado às abordagens indo-ibéricas de história que antecederam as concepções acadêmicas da disciplina na América Latina (Thurner 2015, 27–45).

Desse modo, essa forma distinta de avaliar conceitos espaço-temporais indígenas, afro-americanos e pré-disciplinares poderia, por exemplo, oferecer um contraponto à “obsessão ocidental pelo tempo” (Deloria Jr. 2003), evitando leituras eurocêntricas sobre a história da historiografia e contribuindo para iluminar os desafios ambientais contemporâneos por meio de concepções de tempo e espaço que não se encontram inteiramente subordinadas ao antropocentrismo (Krenak 2019) — uma das limitações mais persistentes da historiografia moderna.

período como crucial para a institucionalização da disciplina histórica na região. Para um quadro detalhado desse processo e da relevância desses e de outros conceitos centrais, ver Juan Maiguashca, *Historians in Spanish South America: Cross-References between Centre and Periphery* (2011); e Marieta de Moraes Ferreira, *A História como Ofício - A Constituição de um Campo Disciplinar* (2013).

⁴³ Esta amostra de termos meta-históricos comprehende o período de institucionalização das humanidades na região e baseia-se nos campos em que as discussões sobre tais conceitos híbridos do pensamento latino-americano estão mais avançadas, a saber, literatura e crítica cultural. Para uma visão teórica geral e um número adicional de conceitos desse tipo, ver *Diccionario de Términos Críticos de la Literatura y la Cultura en América Latina*, org. Gonzalo Aguilar et al. (2021); *Diccionario de Estudios Culturales Latinoamericanos*, org. Mónica Szurmuk e Robert McKee Irwin (2009); e *Critical Terms in Caribbean and Latin American Thought: Historical and Institutional Trajectories*, org. Yolanda Martínez-San Miguel, Ben. Sifuentes-Jáuregui e Marisa Belausteguiotia (2016).

2. Conceitos profissionais da historiografia acadêmica: Em vez de conceber a América Latina e outros espaços não europeus como meros receptores do modelo centro-ocidental de historiografia acadêmica, uma análise da profissionalização da disciplina a partir de tradições historiográficas periféricas pode iluminar as dimensões híbridas, entrelaçadas e multifocais assumidas pelo conhecimento histórico em escala global. Além disso, ao tomar como referência alguns dos conceitos centrais da historiografia profissional, essa abordagem permite compreender os diversos processos de adaptação criativa de instrumentos teórico-metodológicos e revelar configurações espaço-temporais nem sempre perceptíveis nos contextos norte-atlânticos.

No caso da América Latina, sabe-se que termos como *historiografia* e *historicismo*, entre outros, assumiram papéis relevantes como conceitos metacríticos, capazes de tratar a história tanto como experiência viva quanto como análise das narrativas históricas, ou ainda como estratégia para relativizar e reaproximar o processo histórico mundial a partir de uma perspectiva periférica (ver, por exemplo, Pereira; Santos; Nicodemo 2015; Rodrigues da Cunha 2021). Nesse sentido, colocar essa pluralidade de posições em primeiro plano pode contribuir para a compreensão em curso das diferentes interpretações sobre a profissionalização da historiografia, ao mesmo tempo em que oferece ao pensamento histórico uma visão mais ampla das interconexões entre espaço e tempo, superando a limitação de um quadro conceitual exclusivamente norte-atlântico.

3. Conceitos híbridos do pensamento histórico: Esses conceitos meta-históricos incorporam a tendência de longa duração de reconhecer a condição periférica da América Latina como fonte de vantagens epistêmicas frequentemente indisponíveis em contextos centro-ocidentais. Do modernismo ao pensamento decolonial, diversos intelectuais vêm desafiando concepções de atraso e originalidade, apresentando a região como um “entrelugar”, capaz de retroalimentar a cultura dos centros e de possibilitar uma apreciação mais ampla e efetiva da universalidade das epistemologias das metrópoles.

Embora críticos literários, antropólogos e filósofos já tenham explorado amplamente os traços não etnocêntricos do tipo de crítica contida em tais debates, o potencial desses conceitos meta-históricos de pluralizar o pensamento histórico ainda carece de investigação sistemática por parte dos historiadores. Por exemplo, apesar do reconhecimento da capacidade do modernismo latino-americano de antecipar debates sobre hibridismo cultural, pouca atenção tem sido dedicada às reflexões acerca das assimetrias de poder, dos encontros globais e das configurações espaço-temporais subjacentes a conceitos como Antropofagia, Lusotropicalismo e Mestiçagem (Fischer; Schulze 2018, 3-4). De forma similar, ainda são raras as tentativas de distinguir claramente as dimensões sociopolíticas e epistemológicas desses conceitos, de modo a transformá-los em categorias analíticas funcionalmente úteis para a produção do conhecimento histórico.

Portanto, uma abordagem que se concentre nas vantagens epistêmicas derivadas da condição híbrida da América Latina precisa enfrentar o desafio metodológico de destrinchar essa mescla de epistemologia e política, ao mesmo tempo em que considera a possibilidade de transformar o caráter expansivo dessa categoria de conceitos meta-históricos em novos padrões normativos para o estudo de outras tradições periféricas de pensamento histórico.

Por fim, cabe ressaltar que essas sugestões são provisórias, surgindo da situação atual da história dos conceitos global e da historiografia latino-americana, sem excluir outras linhas de pesquisa ou possibilidades interpretativas. Ainda assim, fica evidente que, ao expandir seu escopo para além da referência centro-ocidental do regime moderno de historicidade, a abordagem aqui delineada dos conceitos meta-históricos da historiografia pode abrir caminho para tentativas de conferir ao conhecimento histórico uma perspectiva mais diversa, plural e holística.

Além de favorecer a compreensão mútua entre historiadores da América Latina, esse quadro interpretativo oferece um ponto de partida distinto para a análise de tradições periféricas do pensamento histórico, permitindo novas formas de comparar e estudar as histórias da historiografia do Oriente Médio, da África, do Sul e do Leste Asiático, sem depender exclusivamente do modelo europeu-ocidental. Finalmente, ao explorar essas possibilidades, nossas considerações finais resumem os principais argumentos apresentados e esboçam pontos comuns que podem servir de referência para uma abordagem global da história de culturas históricas e de historiografias periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UM DIÁLOGO META-HISTÓRICO SUL-SUL

Sem perder de vista as especificidades locais, as seções anteriores procuraram evidenciar elementos centrais da pesquisa em história conceitual no debate internacional contemporâneo. Ao iluminar a trajetória de recepção e reinterpretação da história dos conceitos nos meios acadêmicos do Brasil, México e Argentina, o texto sustentou que mudanças globais e autorreflexivas, observadas na história conceitual do Atlântico Norte, também se manifestaram, em diversos aspectos, na América Latina.

Não obstante os atributos pluralistas historicamente associados à tradição historiográfica latino-americana, os historiadores da região costumam desconsiderar, por diversas razões já mencionadas, aquilo que aqui foi denominado como as vantagens epistêmicas do caso latino-americano. Argumentou-se, contudo, que a análise crítica dos prós e contras desses debates, aliada à atenção aos seus conceitos meta-históricos centrais, permite extrair insights valiosos não apenas sobre a própria historiografia latino-americana, mas também sobre outras tradições periféricas do pensamento histórico. Permanece, entretanto, a questão de até que ponto essa perspectiva derivada do caso latino-americano pode ser aplicada a outras periferias epistêmicas e contribuir efetivamente para contrapor o eurocentrismo ainda predominante nas abordagens internacionais da teoria da história e da história da historiografia.

Longe de se tratar de uma prescrição rígida ou de uma resposta definitiva, o modelo tripartite apresentado na seção anterior oferece um ponto de partida para essas indagações. De fato, apesar das notáveis diferenças linguísticas, religiosas e sociopolíticas, bem como das distintas experiências históricas, existem diversos elementos que aproximam as tradições historiográficas de regiões como a Ásia do Sul e do Leste, o Oriente Médio, a África e a América Latina, incluindo, sobretudo, suas experiências compartilhadas de contato com o colonialismo europeu.⁴⁴

⁴⁴ É impossível desconsiderar os enormes avanços ocorridos nos últimos anos para superar visões generalistas sobre as tradições historiográficas do chamado Norte Global. No que diz respeito ao continente europeu, esforços importantes vêm sendo feitos para complexificar as formas de pensamento histórico existentes, por exemplo, nas partes “meridionais” e sudeste do

Pesquisas recentes sobre a história da historiografia sul-asiática, por exemplo, mostram que, na Índia dos séculos XIX e XX, princípios universais de objetividade científica coexistiram com modos populares de escrever a história, intimamente ligados ao orgulho pelas identidades e culturas ancestrais (ver, por exemplo, Chakrabarty 2011; Mantena 2012). Esse encontro de concepções históricas gerou múltiplas reinterpretações localmente moldadas do instrumental teórico da história acadêmica, resultando em formas híbridas de conceitualizar diferentes camadas espaço-temporais, hoje valorizadas por sua capacidade de abranger as experiências de distintos grupos étnicos, religiosos e sociais.⁴⁵

Uma lógica semelhante é identificável no Leste Asiático. Estudos recentes sobre a história do pensamento histórico chinês, por exemplo, revelam que, ao buscar a objetividade e a verdade históricas, estudiosos chineses antigos, como Wu Zhen (século XI d.C.), refletiram sobre temas que apenas séculos depois se tornariam relevantes no Ocidente, como o papel central da graça literária (chinês, *wencai* 文采) ou a importância da retórica no trabalho do historiador (Zhang 2015, 50).

A reavaliação dessa tradição milenar de pensamento histórico tornou quase impossível interpretar a China como uma receptora passiva da historiografia ocidental. Assim, estratégias do início do século XX de reconceitualização da história na historiografia chinesa vieram à tona, como é o caso, por exemplo, da substituição feita por Liu Yizheng (1880–1956) do moderno conceito singular coletivo de história (em alemão, *Geschichte*) pela ideia de uma “ordem cósmica moral” (Schneider; Tanaka 2011, 515). Portanto, os historiadores passaram a ser mais cautelosos ao observar o processo de profissionalização da disciplina histórica no Leste Asiático, e a combinação de elementos modernos e tradicionais, que resultou na natureza composta dos *novos estudos históricos* da China (*xin shixue* 新史學), é atualmente objeto de considerável interesse acadêmico.⁴⁶

Não menos significativos nessa mesma direção são os avanços produzidos pela pesquisa historiográfica na África e no Oriente Médio. Além de trazer ganhos imensos para a reconsideração da relevância das formas orais de pensar historicamente, investigações sobre variedades da história subsaariana lançaram luz sobre a complexidade de correntes filosóficas como o *Ubuntu* sul-africano, a interseção entre as culturas iorubás e a produção de conhecimento histórico acadêmico na Nigéria, por exemplo (ver, Eze 2010; Falola 1999; 2011). Como resultado da reavaliação desse cruzamento entre os mundos colonial e pré-colonial, emergiram, nos últimos anos, discussões sobre as possibilidades de um corpo autônomo de pensamento teórico, sincronizado com as próprias

Velho Mundo. No caso da primeira, além do *Iberconceptos*, vale mencionar *Europa del Sur y América Latina: Perspectivas Historiográficas*, ed. Manuel Suárez Cortina (2014). No caso da Europa Centro-Oriental, ver, por exemplo, a edição especial da revista *Historyka* sobre “Conceitos Centrais do Pensamento Histórico” na Polônia, mas especialmente Tomasz Wiśniewski, *Kluczowe Pojęcia Myślenia Historycznego: Wprowadzenie do Dyskusji* (2021)

⁴⁵ Vale mencionar a luta de Romila Thapar para combater o mito, sustentado por longo tempo, de que a consciência histórica estava ausente na Índia antiga. Ver, por exemplo, Romila Thapar, *Time as a Metaphor of History: Early India* (1996). Ver também seus esforços recentes em lançar luz sobre a relevância de tais tradições antigas de pensamento histórico para os debates atuais da historiografia internacional em Romila Thapar, *Historical Traditions in Early India: c. 1000 BC to c. AD 600* (2011).

⁴⁶ Entre outros trabalhos que tratam da complexidade da historiografia chinesa em sua interseção com tradições antigas, pré-modernas e ocidentais, ver *Chinese Historical Thinking: An Intercultural Discussion*, ed. Chun-chieh Huang e Jörn Rüsen (2015), e Q. Edward Wang, *Is There a Chinese Mode of Historical Thinking? A Cross-Cultural Analysis*, (2007); e Ying-shih Yü, *Reflections on Chinese Historical Thinking* (2016).

experiências, idiossincrasias e interesses do continente africano (Atieno-Odhiambo 2002, 13-64).

Ao mesmo tempo, no Oriente Médio, pesquisas recentes sobre posturas meta-históricas no mundo muçulmano avançaram na superação do foco no orientalismo europeu e ressaltaram a relevância do pensamento histórico originado na própria região. Graças a esse renovado interesse, os historiadores contemporâneos reconhecem diversas teorias pluralistas do tempo formuladas por pensadores clássicos, modernos e contemporâneos da tradição islâmica, evidenciando assim um quadro conceitual mais apto a compreender as complexidades históricas das sociedades e culturas do Oriente Médio e de outras regiões conexas (ver, por exemplo, Pfeiffer 2019; Riecken 2019; Perneau 2019).

Em síntese, apesar de suas singularidades, todas as tradições mencionadas compartilharam, em certa medida, o desafio de superar as lacunas epistemológicas herdadas da historiografia colonial, cada uma em momentos distintos e por meio de estratégias próprias. De maneira análoga ao caso latino-americano, essa necessidade de confrontar um conhecimento eurocêntrico frequentemente deu origem a soluções criativas, capazes de articular elementos das culturas históricas locais com os referenciais da história acadêmica.

Portanto, historiadores da Ásia, da África e do Oriente Médio não estão tão distantes de seus colegas latino-americanos quando se trata de enfrentar o desafio de lidar com tradições de pensamento historicamente subestimadas e tidas como desprovidas de valor analítico. Se, por um lado, essas regiões enfrentam dificuldades semelhantes decorrentes de usos populistas análogos dos discursos sobre as vantagens epistêmicas dos grupos localmente oprimidos,⁴⁷ por outro lado, desigualdades concretas em recursos e critérios de avaliação arbitrários continuam a limitar a capacidade desses estudiosos de abordar sua própria herança historiográfica de maneira menos depreciativa. Ainda assim, não se pode ignorar que, nas últimas décadas, ocorreram avanços significativos, sobretudo com o surgimento de níveis inéditos de conexão acadêmica, novas ferramentas digitais de pesquisa e estratégias diversificadas de cooperação transnacional por parte de agentes e instituições situados no Sul Global.

Em última instância, seria justo afirmar que, mais de vinte anos após o famoso apelo de Dipesh Chakrabarty pela provincialização da Europa, pode ter chegado o momento de expandir sua proposta inicial e falar também da necessária desprovincialização das periferias. Para tanto, além das armadilhas do etnocentrismo e do colonialismo acadêmico, seria necessária uma mudança de atitude para trazer à tona perspectivas periféricas sobre questões que estão longe de ser paroquiais e dizem respeito hoje, em nível global, aos historiadores.

⁴⁷ Não muito distante do que ocorre na América Latina, os usos políticos da historiografia constituem um desafio adicional para os historiadores que lidam com a história do pensamento histórico em muitas partes do mundo. Por exemplo, movimentos neoconfucionistas e outros movimentos religioso-nacionais na China, Índia e Taiwan têm defendido uma interpretação “nós sempre tivemos isso” das formas antigas de pensamento histórico como supostamente contendo as sementes necessárias para restaurar a antiga glória da Ásia. Considerando essa visão simplista, vários estudiosos asiáticos reagiram a essa tendência política conservadora ao mesmo tempo em que ofereceram uma compreensão muito mais complexa das diferentes formas de pensamento histórico pré-moderno existentes na região. Para uma visão geral e crítica desses usos políticos da historiografia na Índia, ver Meera Ashar, *Taking a Step Back: Revisiting Studies of Indian Politics* (2009). Para uma crítica dessa postura na historiografia do Leste Asiático, ver Ulrich Timme Kragh, *Dogmas of Superficiality: The Episteme of Humanism in Writings by Taiwanese Historians Huang Chun-chieh, Wong Young-tsu, and Hu Chang-Tze* (2015).

Portanto, sem desconsiderar as dificuldades linguísticas, metodológicas e operacionais próprias de um empreendimento dessa magnitude, uma história dos conceitos meta-históricos do pensamento histórico, orientada a partir do Sul Global, poderia abrir caminho para uma nova forma de diálogo transnacional. Embora seja impossível prever se questões práticas tornariam essa iniciativa viável no curto prazo, é inegável que as contestações contínuas ao regime moderno de historicidade tornam necessária a inclusão de vozes historicamente silenciadas nas mesas-redondas da historiografia internacional (ver, por exemplo, Lorenz; Bevernage 2013; Tamm; Olivier 2019). Assim, longe de se limitar a algumas áreas específicas, há razões suficientes para afirmar que os ganhos meta-históricos decorrentes da reafirmação de locais não-hegemonicos de elaboração intelectual poderiam reverberar em larga escala, contribuindo para complexificar os processos de construção do conhecimento histórico, tanto nas periferias quanto nos centros das discussões contemporâneas sobre as historiografias e as teorias da história.

Referências

- AGUILAR, Gonzalo. *et al.* (Ed.). *Diccionario de términos críticos de la literatura y la cultura en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2021.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *América Latina: história e presente*. Campinas: Papirus Editora, 2002.
- ANKERSMIT, Frank. Koselleck on “Histories” versus “History;” or, Historical Ontology versus Historical Epistemology. *History and Theory*, v. 60, n. 4, 2021. p. 43. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12235>. Acesso em: 25 set. 2025.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. p. 51-52. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1936/1075>. Acesso em: 25 set. 2025.
- ARAUJO, Valdei Lopes de. *The History of Concepts and the History of Historiography: a Brazilian Trajectory*. In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; PEREIRA, Luísa Rauter; MATA, Sérgio da (Eds.). *Contributions to Theory and Comparative History of Historiography Traditions: German and Brazilian Perspectives*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015. p. 178.
- ARAUJO, Valdei. Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- ATALAS, Syed Farid. Intellectual and structural challenges to Academic Dependency. *International Sociological Association e-bulletin*, n. 9, 2008. p. 5.
- ATIANO-ODHIAMBO, Eisha Stephen. From African Historiographies to an African Philosophy of History. In: FALOLA, Toyin.; JENNINGS, Christian (Ed.). *Africanizing knowledge: African studies across the disciplines*. New Jersey: Transaction Publishers, 2002. p. 13-64.
- BREÑA, Roberto. Tensions and challenges of intellectual history in contemporary Latin America. *Contributions to the History of Concepts*, v. 16, n. 1, 2021. p. 94. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/choc.2020.160105>. Acesso em: 25 set. 2025.
- BROWITT, Jeff. La Teoría Decolonial: Buscando la Identidad en el Mercado Académico. *Cuadernos de Literatura*, v. 18, n. 36, 2014. p. 25-46. Disponível em: <https://doi.org/10.11144/Javeriana.CL18-36.tdbi>. Acesso em: 25 set. 2025.
- BURKE, Martin. Conceptual History in the United States: a “Missing National Project.” *Contributions to the History of Concepts*, v. 1, n. 2, 2005. p. 127-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/187465605783406253>. Acesso em: 25 set. 2025.

- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *How to write the history of the New World: histories, epistemologies, and identities in the eighteenth-century Atlantic world*. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias*. Goiânia: Editora da UFG, 2009.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *The relative native: essays on indigenous conceptual worlds*. Chicago: Hau Books, 2015.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *El tonto y los canallas: notas para un republicanismo transmoderno*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Ed.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- CHAKRABARTY, Dipesh. The Birth of Academic Historical Writing in India. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 4: 1800-1945. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 520-536.
- CHAMBERS, Paul Anthony. Epistemology and Domination: Problems with the Coloniality of Knowledge Thesis in Latin American Decolonial Theory. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, v. 63, n. 4, 2020. p. 1-36. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.4.221>. Acesso em: 25 set. 2025.
- CONRAD, Sebastian. *What is global history?* Princeton: Princeton University Press, 2016.
- DELORIA JR., Vine. *God is red: a native view of religion*. 30th anniversary ed. Golden: Fulcrum Publishing, 2003.
- DOMAŃSKA, Ewa. Polish Humanities, French Theory and the Need for a Strong Subject. *Historyka: Studies in Historical Methods*, n. 51, 2021. p. 17-37. Disponível em: [10.24425/hsm.2021.138877](https://doi.org/10.24425/hsm.2021.138877). Acesso em: 25 set. 2025.
- DOMAŃSKA, Ewa. Prefigurative humanities. *History and Theory*, v. 60, n. 4, 2021. p. 148. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12241>. Acesso em: 25 set. 2025.
- DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro (a origem do mito da modernidade)*: conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Ciasen. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. Agenda para um diálogo inter-filosófico Sul-Sul. *Revista Filosofazer*, n. 41, Passo Fundo, 2013.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da liberação: na idade da globalização e da exclusão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- EAKIN, Marshall. C. Brazilian Historical Writing. In: SCHNEIDER, Axel; WOOLF, Daniel (Ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 5. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 440-453.
- EZE, Michael Onyebuchi. *Intellectual history in contemporary South Africa*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- FALOLA, Toyin. History in Sub-Saharan Africa. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (Ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 4: 1800-1945. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 597-618.
- FALOLA, Toyin. *Yoruba gurus: indigenous production of knowledge in Africa*. Trenton: Africa World Press, 1999.
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Iberconceptos, historia conceptual, teoría de la historia – entrevista a Javier Fernández Sebastián (parte I). Entrevista concedida a Guilherme Pereira das Neves, Rodrigo Bentes Monteiro e Francine Iegelski. *Tempo*, v. 24, n. 3, 2018. p. 688-690. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2018v240314>. Acesso em: 25 set. 2025.

- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Introducción: Hacia una Historia Atlántica de los Conceptos Políticos. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (Org.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano: la era de las revoluciones, 1750-1850*. v. 1. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009. p. 26-48.
- FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier; FERNÁNDEZ TORRES, Luis. Iberconceptos: un proyecto de investigación en red: cuestiones teórico-metodológicas y organizativas. *Spagna contemporanea*, n. 5, 2017. p. 153-175.
- FERNÁNDEZ TORRES, Luis. Las Constantes Antropológicas de la Histórica de Koselleck: una Propuesta de Ampliación. In: ORTEGA, Francisco A; ACEVEDO PUELLO, Rafael Enrique; CASANOVA CASTAÑEDA, Pablo (Org.). *Horizontes de la historia conceptual en Iberoamérica: trayectoria e incursiones*. Bogotá: Genueve Ediciones, 2021. p. 373-402.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- FISCHER, Georg; SCHULZE, Frederik. Brazilian history as global history. *Bulletin of Latin American Research*, v. 38, n. 4, 2018. p. 3-4. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/blar.12781>. Acesso em: 25 set. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 64. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GHOSH, B. N. *Dependency theory revisited*. Farnham: Ashgate Publishing, 2001.
- GOMES, Angela de Castro; MOURA, Gerson; OLIVEIRA, Lucia Lippi de. Por uma revista de história. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. p. 3-4. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1929/1068>. Acesso em: 25 set. 2025.
- GRECCO, Gabriela de Lima; SCHUSTER, Sven. Decolonizing Global History? A Latin American Perspective. *Journal of World History*, v. 31, n. 2, 2020. p. 427-428. Disponível em: 10.1353/jwh.2020.0024. Acesso em: 25 set. 2025.
- GRUPO TRADUCCIÓN Y TRANSFERENCIAS CONCEPTUALES (SIGLOS XVIII Y XIX). 2022. Disponível em: <http://www.iberconceptos.net/grupo-traduccion>. Acesso em: 5 out. 2025.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Histriografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, n. 1, 1988. p. 8. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1935/1074>. Acesso em: 25 set. 2025.
- HERBJØRNSRUD, Dag. Beyond Decolonizing: Global Intellectual History and Reconstruction of a Comparative Method. *Global Intellectual History*, v. 6, n. 5, 2021. p. 614-640. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23801883.2019.1616310>. Acesso em: 25 set. 2025.
- HETTLING, Manfred; SCHIEDER, Wolfgang. Theorie des historisch Möglichen: Zur Historik von Reinhart Koselleck. In: HETTLING, Manfred; SCHIEDER, Wolfgang (Org.). *Reinhart Koselleck als Historiker: Zu den Bedingungen möglicher Geschichten*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2021. p. 59.
- HOROWITZ, Joel. Argentine Historical Writing in an Era of Political and Economic Instability. In: SCHNEIDER, Axel; WOOLF, Daniel (Ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 5. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 422-439.
- IGGERS, Georg; WANG, Q. Edward; MUKHERJEE, Supriya. *A global history of modern historiography*. Harlow: Pearson Education, 2008.
- JASMIN, Marcelo Gantus; FERES JÚNIOR, João (Orgs.). *História dos conceitos: diálogos transatlânticos*. São Paulo; Rio de Janeiro: Edições Loyola; IUPERJ, 2007.
- KIDD, Ian James; MEDINA, José; POHLHAUS JR., Gaile (Ed.). *The Routledge handbook of epistemic injustice*. Oxon: Routledge, 2017.

- KONTLER, László. Concepts, Contests and Contexts: Conceptual History and the Problem of Translatability. In: STEINMETZ, Willibald; FREEDEN, Michael; FERNÁNDEZ-SEBASTIÁN, Javier (Ed.). *Conceptual history in the European space*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2017. p. 197-211.
- KOSELLECK, Reinhart. Dankrede am 23 November 2004. In: WEINFURTER, Stefan (Ed.). *Reinhart Koselleck (1923-2006): Reden zum 50. Jahrestag seiner Promotion in Heidelberg*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2006. p. 58.
- KOSELLECK, Reinhart. Ich war weder Opfer noch befreit: der Historiker Reinhart Koselleck über die Erinnerung an den Krieg, sein Ende und seine Toten. Entrevista concedida a Christian Esch. *Berliner Zeitung*, 7 de maio de 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. Transformations of Experience and Methodological Change: A Historical Anthropological Essay. In: KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Tradução de Todd Samuel Presner et al. Stanford: Stanford University Press, 2002. p. 76.
- KOSELLECK, Reinhart; SPREE, Ulrike; STEINMETZ, Willibald. Drei bürgerliche Welten? Zur vergleichenden Semantik der bürgerlichen Gesellschaft in Deutschland, England und Frankreich. In: KOSELLECK, Reinhart. *Begriffsgeschichten*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006. p. 402-461.
- KOZEL, Andrés. Fervor de Comunidad. In: KOZEL, Andrés. *La idea de América en el historicismo mexicano*: José Gaos, Edmundo O'Gorman y Leopoldo Zea. Cidade do México: Colegio de México, 2012. p. 239-344.
- KRAGH, Ulrich Timme. Dogmas of Superficiality: The Episteme of Humanism in Writings by Taiwanese Historians Huang Chun-chieh, Wong Young-tsui, and Hu Chang-Tze. In: HUANG, Chun-chieh; RÜSEN, Jörn (Ed.). *Chinese historical thinking: an intercultural discussion*. Göttingen: V&R unipress, 2015. p. 143-158.
- KRAGH, Ulrich Timme. The possibility of an outside: theoretical preamble. *History and Theory*, v. 60, n. 4, 2021. p. 3-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12238>. Acesso em: 25 set. 2025.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LEPPER, Marcel; SCHLAK, Stephan (Orgs.). *Der Besiegte. Zeitschrift für Ideengeschichte*, v. 6, n. 1, 2012. p. 4-52.
- LORENZ, Chris; BEVERNAGE, Berber (Ed.). *Breaking up time: negotiating the borders between present, past and future*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013.
- MAIGUASHCA, Juan. Historians in Spanish South America: Cross-References between Centre and Periphery. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (Ed.). *The Oxford history of historical writing*, v. 4: 1800-1945. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 463-490.
- MALERBA, Jurandir. *A história da América Latina*: ensaio de crítica historiográfica. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- MANTENA, Rama Sundari. *The origins of modern historiography in India: antiquarianism and philology, 1780–1880*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- MARJANEN, Jani. Transnational conceptual history, methodological nationalism and Europe. In: STEINMETZ, Willibald; FREEDEN, Michael; FERNÁNDEZ-SEBASTIÁN, Javier (Ed.). *Conceptual history in the European space*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2017. p. 139-174.
- MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Yolanda; SIFUENTES-JÁUREGUI, Ben; BELAUSTEGUIGOITIA, Marisa (Eds.). *Critical terms in Caribbean and Latin American thought: historical and institutional trajectories*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- MAZZOTTI, José Antonio. Estudios Coloniales Latinoamericanos y Colonialidad: una Breve Aclaración de Conceptos. In: MORAÑA, Mabel (Ed.). *Dimensiones del latinoamericanismo*. Madrid: Iberoamericana, 2018. p. 18-19.

- MENDIETA, Eduardo. Philosophy of Liberation. In: ZALTA, Edward. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/liberation/>. Acesso em: 5 out. 2025.
- MENON, Dilip M. *Changing theory: concepts from the global south*. Milton Park, Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2022.
- MIGNOLO, Walter. *The darker side of the Renaissance: literacy, territoriality, & colonization*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1995.
- MIGNOLO, Walter; TLOSTANOVA, Medina. Theorizing from the borders: shifting to geo- and body politics of knowledge. *European Journal of Social Theory*, v. 9, n. 2, 2006. p. 205-221. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1368431006063>. Acesso em: 25 set. 2025.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais de. (Ed.). *Pensamento Afrodiáspórico em Perspectiva: Abordagens no Campo da História e Literatura*. v. 1. Porto Alegre: Editora FI, 2021.
- MUELLER, Matthias. *The loser's edge: writing from the vantage point of the vanquished, 1918–1945*. 2019. (Tese de Doutorado - PhD) - Cornell University Graduate School, [s.l.], 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7298/szsz-tk61>. Acesso em: 25 set. 2025.
- NAVARRETE LINARES, Federico. Las Historias de America y las Historias del Mundo: una Propuesta de Cosmohistoria. *Anales de Estudios Latinoamericanos*, n. 36, 2016. p. 1-35.
- OLSEN, Niklas. *History in the plural: an introduction to the work of Reinhart Koselleck*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2012.
- ORTEGA, Francisco A.; ACEVEDO PUELLO, Rafael E.; CASANOVA CASTAÑEDA, Pablo (Org.). *Horizontes de la historia conceptual en Iberoamérica: trayectoria e incursiones*. Bogotá: Genuve Ediciones, 2021.
- PALTI, Elías José. *An archaeology of the political: regimes of power from the seventeenth century to the present*. New York: Columbia University Press, 2016.
- PALTI, Elías José. Koselleck y la idea de Sattelzeit: un debate sobre modernidad y temporalidad. *Ayer*, n. 53, 2004. p. 63-74.
- PALTI, Elías José. Koselleck-Foucault: The Birth and Death of Philosophy of History. In: ROLDÁN, Concha; BRAUER, Daniel; ROHBECK, Johannes (Ed.). *Philosophy of globalization*. Boston: De Gruyter, 2018.
- PALTI, Elías José. Reinhart Koselleck: His Concept of the Concept and Neo-Kantianism. *Contributions to the History of Concepts*, v. 6, n. 2, 2011. p. 4. Disponível em: <https://doi.org/10.3167/choc.2011.060201>. Acesso em: 25 set. 2025.
- PALTI, Elías José. The problem of “misplaced ideas” revisited: beyond the “history of ideas” in Latin America. *Journal of the History of Ideas*, v. 67, n. 1, 2006. p. 149-179.
- PALTI, Elías José. Una Arqueología de lo Político (2). CASTRO-GÓMEZ, Santiago (apresent.). Vídeo no YouTube, 21 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4vvYCBg5l8w>. Acesso em: 5 out. 2025.
- PALTI, Elías. Entrevista concedida a Héctor Andrés Echevarría Cázares e Yorluis Guzmán Toro. *Tzintzún: Revista de Estudios Históricos*, n. 70, p. 179-188, 2019. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-719X2019000200175. Acesso em: 25 set. 2025.
- PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na teoria da história. *Tempo e Argumento*, v. 10, n. 24, 2018. p. 88-114. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180310242018088>. Acesso em: 25 set. 2025.
- PEREIRA, Mateus; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Brazilian historical writing in global perspective: on the emergence of the

concept of “historiography”. *History and Theory*, v. 54, n. 4, 2015. p. 84-104. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24543138>. Acesso em: 25 set. 2025.

PEREIRA, Mateus; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; NICODEMO, Thiago Lima. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: o eurocentrismo em questão. *Estudos Históricos*, v. 30, n. 60, 2017. p. 161-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2178-14942017000100009>. Acesso em: 25 set. 2025.

PERNAU, Margrit; SACHSENMAIER, Dominic. *History of Concepts and Global History: a Reader*. London: Bloomsbury, 2016.

PERNEAU, Margrit. Fluid Temporalities: Saiyid Ahmad Khan and the Concept of Modernity. *History and Theory*, v. 58, n. 4, 2019. p. 107-131. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12138>. Acesso em: 25 set. 2025.

PFEIFFER, Judith. In the Folds of Time Rashīd al-Dīn on Theories of Historicity. *History and Theory*, v. 58, n. 4, 2019. p. 20-42. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12134>. Acesso em: 25 set. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RABASA, José. *Tell me the story of how I conquered you: elsewhere and ethnosuicide in the colonial Mesoamerican world*. Austin: University of Texas, 2011.

RIECKEN, Nils. Heterotemporality, the Islamic Tradition, and the Political: Larouis's Concept of the Antinomy of History. *History and Theory*, v. 58, n. 4, 2019. p. 132-153. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12139>. Acesso em: 25 set. 2025.

RODRIGUES DA CUNHA, Marcelo D. A borderless polemic? Probing the limits of a transnational approach to historicism. *Rethinking History*, v. 25, n. 3, 2021. p. 5. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13642529.2021.1963592>. Acesso em: 25 set. 2025.

RÜSEN, Jörn (Ed.). *Western historical thinking: an intercultural debate*. New York: Berghahn Books, 2002.

RÜSEN, Jörn. The horizon of history moved by modernity: after and beyond Koselleck. *History and Theory*, v. 60, n. 4, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hith.12237>. Acesso em: 25 set. 2025.

SABATO, Hilda. Historia Latinoamericana, Historia de América Latina, Latinoamérica en la Historia. *Prismas: Revista de Historia Intelectual*, n. 19, 2015. p. 135-145. Disponível em: https://prismas.unq.edu.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Sabato_prismas19. Acesso em: 25 set. 2025.

ŠAJDA, Peter. O epistemologickej výhode porazených: C. Schmitt a R. Koselleck. *Filozofia*, v. 72, n. 10, 2017.

SANJINÉS, Javier. *Embers of the past: essays in times of decolonization*. Durham: Duke University Press, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *The space in-between: essays on Latin American culture*. Editado por Ana Lúcia Gazzola. Tradução de Tom Burns, Ana Lúcia Gazzola, e Gareth Williams. Durham; London: Duke University Press, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. London; New York: Routledge, 2016.

SCHELSKY, Helmut. *Die skeptische Generation: eine Soziologie der deutschen Jugend*. Düsseldorf; Köln: [s.n.], 1957.

SCHNEIDER, Axel; TANAKA, Stefan. The Transformation of History in China and Japan. In: MACINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan; PÓK, Attila (Ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 4: 1800-1945. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 515.

SCHNEIDER, Axel; WOOLF, Daniel (Ed.). *The Oxford history of historical writing: Historical writing since 1945*. v. 5. Oxford: Oxford University Press, 2011

SCHULTZ-FORBERG, Hagen. *A global conceptual history of Asia, 1860-1940*. London: Bloomsbury, 2014.

SCHULTZ-FORBERG, Hagen. The Spatial and Temporal Layers of Global History: A Reflection on Global Conceptual History through Expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into Global Spaces. *Historical Social Research/Historische Sozialforschung*, v. 38, n. 145, 2013. p. 40-58.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SEGATO, Rita Laura. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

STEINMETZ, Willibald; FREEDEN, Michael; FERNÁNDEZ-SEBASTIÁN, Javier (Ed.). *Conceptual history in the European space*. New York; Oxford: Berghahn Books, 2017.

SUÁREZ CORTINA, Manuel (Ed.). *Europa del Sur y América Latina: perspectivas historiográficas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2014.

SWINEHART, Karl. Decolonial time in Bolivia's Pachakuti. *Signs and Society*, v. 7, n. 1, 2019. p. 96-114. Disponível em: 10.1086/701117. Acesso em: 25 set. 2025.

SZURMUK, Mnica; IRWIN, Robert McKee (Ed.). *Diccionario de estudios culturales latinoamericanos*. Ciudad de México: Siglo XXI Editores, 2009.

TAMM, Marek; OLIVIER, Laurent (Ed.). *Rethinking historical time: new approaches to presentism*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2019.

THAPAR, Romila. Historical Traditions in Early India: c. 1000 BC to c. AD 600. In: FELDHERR, Andrew; HARDY, Grant (Ed.). *The Oxford history of historical writing*. v. 1: beginnings to AD 600. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 553-576.

THAPAR, Romila. *Time as a metaphor of history: early India*. New Delhi: Oxford University Press, 1996.

THURNER, Mark. Historical Theory Through a Peruvian Looking Glass. *History and Theory*, v. 54, n. 4, 2015. p. 27-45. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24543135>. Acesso em: 25 set. 2025.

THURNER, Mark. *History's Peru: the poetics of colonial and postcolonial historiography*. Gainesville: University Press of Florida, 2012.

TURIN, Rodrigo. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 6, n. 13, 2013. p. 78-95. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i13.673>. Acesso em: 25 set. 2025.

VERDESIO, Gustavo. Introduction. Latin American Subaltern Studies Revisited: Is There Life After the Demise of the Group? *Dispositio/n*, v. 25, n. 52, 2005. p. 15-16. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41491785>. Acesso em: 25 set. 2025.

VILABOY, Sergio Guerra. Las Grandes Corrientes de la Historiografía Latinoamericana. *Clío*, n. 166, 2003. p. 179-180.

WIŚNIEWSKI, Tomasz. Kluczowe Pojęcia Myślenia Historycznego: Wprowadzenie do Dyskusji. *Historyka*, n. 51, 2021. p. 7-24. Disponível em: <https://journals.pan.pl/dlibra/publication/138362/edition/121524/content>. Acesso em: 25 set. 2025.

WU, Jingyi. Epistemic Advantage on the Margin: A Network Standpoint Epistemology. *Philosophy and Phenomenological Research*, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/phpr.12895>. Acesso em: 25 set. 2025.

- YÜ, Ying-shih. Reflections on Chinese historical thinking. In: YÜ, Ying-shih; DUKE, James C.; DUKE, Michael S. (Ed.). *Chinese history and culture*. v. 2: seventeenth century through twentieth century. New York: Columbia University Press, 2016. p. 294-316.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. De la historia social a la historia conceptual y cultural de lo social. In: SUÁREZ CORTINA, Manuel (Ed.). *Europa del Sur y América Latina: perspectivas historiográficas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2014. p. 65-88.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Historia, experiencia y modernidad en Iberoamérica, 1750-1850. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier (Org.). *Diccionario político y social del mundo iberoamericano: la era de las revoluciones, 1750-1850*. v. 1. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009. p. 552-554.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Mexican historical writing. In: SCHNEIDER, Axel; WOOLF, Daniel (Orgs.). *The Oxford history of historical writing: volume 5: historical writing since 1945*. Oxford: Oxford University Press, 2011. Edição online: Oxford Academic, 18 jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199225996.003.0023>. Acesso em: 31 out. 2025.
- ZERMEÑO PADILLA, Guillermo. Sobre la condición postnacional en la historiografía contemporánea: el caso de 'Tberconceptos'. In: FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier; CAPELLÁN DE MIGUEL, Gonzalo (Ed.). *Conceptos políticos, tiempo e historia: nuevos enfoques en historia conceptual*. Santander: Editorial de la Universidad de Cantabria, 2013. p. 482.
- ZHANG, Xupeng. In and out of the West: on the Past, Present, and Future of Chinese Historical Theory. *History and Theory*, v. 54, n. 4, 2015. p. 50. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24543136>. Acesso em: 25 set. 2025.

A Reinvenção Latino-Americana da História dos Conceitos
Subsídios para uma História Conceitual Global
Artigo recebido em 12/05/2025 • Aceito em 23/12/2025
DOI | doi.org/10.5216/rth.v28i1.84599
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado